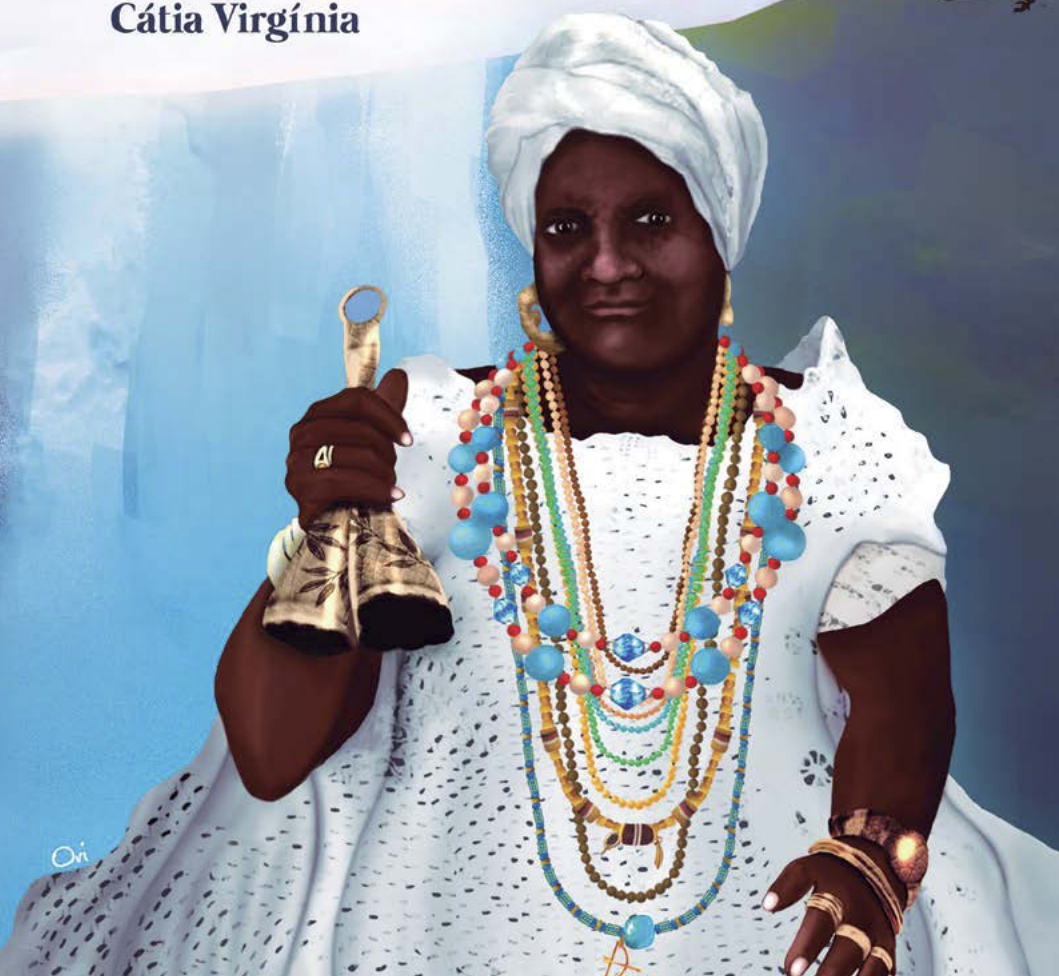


Menina das Águas:

Vida, memória e
ensinamentos de Mãe
Baratinha

Cátia Virgínia



**Menina das Águas:
Vida, memória e ensinamentos
de Mãe Baratinha**

Menina das Águas:
Vida, memória e ensinamentos
de Mãe Baratinha

Equipe

Coordenação Editorial

Zilda Amélia Costa de Souza

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Pinheiro

Iconografia

Thais Gomes, Cátia Virginia

Revisão Textual e ortográfica

Taliane Oliveira, Thais Gomes, Zilda Souza

Capa

Ilustração de @ori.ink

1ª edição

Organização

Zilda Amélia Costa de Souza

Realização

Edital da Fundação Pedro Calmon via Lei Aldir Blanc

**Menina das Águas:
Vida, memória e ensinamentos
de Mãe Baratinha**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Virginia, Cátia

Menina das águas : vida, memória e ensinamentos de Mãe Baratinha [livro eletrônico] / Cátia Virginia. --

1. ed. -- Castro Alves, BA : Ed. da Autora, 2021.

PDF

ISBN 978-65-00-25726-7

1. Candomblé (Culto) 2. Ensinamentos 3. Histórias de vida 4. Mães-de-santo (Candomblé) - Biografia 5. Memórias 6. Silva, Galdina, 1922-2004 (Mãe Baratinha) I. Título.

21-70763

CDD-299.673092

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Mães-de-santo : Candomblé : Biografia 299.673092
Cíbele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427**

Agradecimentos

Em memória à minha querida e amada mentora espiritual: Mãe Baratinha, que me confiou e relatou sua história, sendo minha inspiração para que tudo isso fosse escrito, dando-me força, perseverança e oportunidade para realizar este sonho sem precisar dormir.

Agradeço a Deus, por ter me dado saúde e sabedoria.

Agradeço à família de Mãe Baratinha, pela colaboração. Em especial, à *Iyálásè* Juciara, Mãe Preta de *Òsógìyan*.

Agradeço à *Iyálórisà* Mãe Cacho, pelo empenho e dedicação em realizar todos os processos necessários para a continuidade do *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*.

Agradeço às *Ègbón mi* do *Ilè Ìbésè Alákétu* e a todos e todas que deram depoimentos e contribuíram para estes escritos.



Mãe Cátia Virgínia
Foto: Jamile Novaes

Agradeço à Mãe Hilda, a *Iyà kekerè* do *Ilé Kayò*, e minha Jibonã, por tudo o que me ensinou.

Agradeço a todos os meus irmãos de santo, que de alguma forma me ajudaram a realizar esta biografia de Mãe Baratinha¹.

Menina das Águas:
Vida, memória e ensinamentos
de Mãe Baratinha

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I – A Menina das Águas: Vida, Memórias e Ensinamentos de Mãe Baratinha [17]

Mãe Òsùn se manifesta [19]

Pai Nezinho de Ògún chega a Muritiba [22]

Lá em casa tem um pé de cá te espera [24]

A menina Baratinha e sua família não acreditavam na religião [26]

Mãe e filha: lição em dobro [29]

Cobra que pia feito galo [31]

A descrença virou amor e respeito [35]

Parte II – A Mudança para Cachoeira: O Rosarinho, as coranças do Odú e a vida difícil [37]

Rosarinho: “escolhido por Òsùn” [38]

Os *asès* de Mãe Baratinha [39]

A luta para construir seu barracão [45]

Parte III – A Famosa Mãe Baratinha de Òsún da nação Ketu: Sua morte e a sucessão do Ilé Kayó Alákétu Asè Òsún [51]

Mãe Baratinha: respeitada e conhecida [53]

A fatalidade: o falecimento de Mãe Baratinha [83]

A sucessão de Preta de Òsògìyán e a reabertura do Ilé Asè [87]

Referências [90]

Sobre Mãe Baratinha [92]

Dialetos de Mãe Baratinha [93]

Depoimentos [94]



Mãe Baratinha preparada para iniciar mais uma celebração para Osùn

Prefácio

O Recôncavo Baiano, a Bahia e o Brasil conheceram uma grande *Iyálórìsà* do candomblé, Galdina Silva, carinhosamente chamada de Mãe Baratinha. Mulher negra de origem humilde, que quando criança zombava do sacerdote do candomblé Manoel Cerqueira de Amorim, conhecido como Nezinho de *Ògún*, do *Ilé Ìbésè Alákétu Asè Bàbà Ògún Mèjéjé*, sendo que ele, mais tarde, tornou-se o seu *Bàbálórìsà*, e fez dela uma grande Mãe de Santo.

Sacerdotisa muito dedicada aos *Òrìsàs*, filha de *Òsùn*, mulher de muita fé e respeitada em Cachoeira e no Brasil inteiro por sua atuação, recebeu muitos convites para participar de cerimônias de candomblé pelo país afora. Por onde andou, deixou plantado o seu *asè* em muitas casas e em seus inúmeros filhos e filhas de santo. Mãe Baratinha recebeu muitas homenagens em diversas casas de culto aos *òrìsàs*, sendo muito requisitada pela sua autoridade na religião de matriz africana.

Mulher guerreira, que não suportava injustiças nem maldades com os seres humanos, sempre se posicionou ao lado dos necessitados espiritual e materialmente. Ela fez muita caridade por onde passou, pois tinha um coração generoso.

Diplomata de caráter forte, Mãe Baratinha se relacionou com muitas outras casas de candomblé, de diferentes Nações, como também com outras religiões, sempre com muito diálogo e respeito. Acolhia a todos e todas em seu *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn* com alegria, respeito e generosidade. Respeitava a todos e todas, independentemente de sua posição

social, política ou religiosa. Assim, podemos defini-la como uma mulher de diálogo. Detentora de um carisma particular, tratava a todas e todos com amor de mãe e, ao mesmo tempo, com a seriedade de uma sacerdotisa possuidora de sabedoria milenar e ancestral, sem deixar de ser humilde. Por tudo isso é conhecida e até os dias atuais e é muito respeitada em Cachoeira e em todo o Brasil.

Recomendo a leitura desta biografia, que retrata a trajetória de uma mulher brilhante que viveu entre nós. Para quem teve o privilégio de conhecê-la, esta obra nos faz reviver momentos de grande emoção e desperta uma enorme saudade. Para quem pela primeira vez se depara com esta personagem da nossa história, será uma grande oportunidade de conhecer a raiz do candomblé do Brasil, que teve origem no *Ilé Gantois* de Mãe Menininha, em Salvador. O leitor/a leitora terá a oportunidade de conhecer a vida, a espiritualidade e a dedicação de uma das maiores sacerdotisas do culto aos *òrìsàs*, além dos fatos e depoimentos que poderão ajudar a entender a vida da ilustre personagem aqui homenageada. Você vai se emocionar e ficar impressionado/a com um texto tão claro e de fácil leitura, que apresenta muitos fatos marcantes da vida tão longa desta mulher que fez história entre nós e nos deixou um grandioso legado.

A leitura desta obra foi para mim muito prazerosa e trouxe fatos inéditos que só têm a colaborar para o conhecimento da tradição do candomblé, fazendo-nos reviver momentos incríveis desta mulher fantástica que foi Mãe Baratinha. Este trabalho enriquece ainda mais as inúmeras publicações no

Brasil a respeito da tradição do culto aos òrìsàs, seja para o estudo das religiões, da sociedade baiana ou para a espiritualidade dos ancestrais, trazendo muitos esclarecimentos e informações.

O texto biográfico parte das histórias contadas por Mãe Baratinha e busca, através deste registro da oralidade, difundir sua história de vida, bem como salvaguardar sua memória. Enfim, trata-se de um testemunho inigualável, que não pode ficar no anonimato e merece seu devido reconhecimento.

Genildes Cerqueira de Amorim

Mãe Cacho



Genildes Cerqueira de Amorim, Mãe Cacho, filha biológica e sucessora de Pai Nezinho no Ilê Asê Ibecêm Alaketu Ogun Megegê



Mãe Baratinha no Ilê Kaiò Alaketu Asè Osùn

Apresentação

A presente biografia é um escrito valioso para o povo de religião de matriz africana do Recôncavo Baiano e do Brasil, sobretudo para o candomblé de Nação Ketu. Este texto possibilita ao povo de candomblé e à população negra compreender a história de mulheres negras e suas vivências, enfatizando o protagonismo e as resistências cotidianas em um mundo que sufoca suas existências, apaga suas memórias e subalterniza seus legados, revelando histórias de indivíduos que refletiram, contestaram, conviveram e transgrediram valores e questões determinantes na sociedade e no tempo histórico em que viveram.

A obra permite ao leitor/à leitora viajar numa escrita fluida e empolgante, enfatizando detalhes da história, luta e desafios vividos por Mãe Baratinha, mulher negra, a *Iyá-lórisà* que se consagrou por estabelecer a primeira casa de candomblé Ketu, da linhagem do *Gantois*, na cidade de Cachoeira. Publicar esta biografia, após dezessete anos de sua partida, é reacender no coração das pessoas de candomblé a esperança de continuidade do culto de matriz africana, nesse momento em que o mundo vive uma pandemia que tem ceifado milhares de vidas.

Originado da sensibilidade, reconhecimento, dedicação e preciosismo de sua filha de santo, Mãe Cátia Virgínia, o texto nos proporciona uma imersão narrativa composta a partir da oralidade de uma das mulheres mais importantes do culto afro-brasileiro aos *òrìsàs*, confirmando a relevância da transmissão e manutenção dos saberes entre gerações,

a prática *griô*, que dissemina as bases de um conhecimento através da fala, da sabedoria repassada oralmente, da palavra, do som, da memória, consolidando-se pela experiência.

O prazer de ler sobre sua história de vida, suas lutas, seus modos de linguagem e de expressão, sua força diante das adversidades e, especialmente, sobre o sacerdócio feminino, ou o matriarcado, que é um aspecto muito importante, uma vez que contraria a norma das religiões e da cultura ocidental patriarcal como um todo. Mulheres como Galdina Silva, inspiram a coragem de professar sua fé, a persistência de manter suas comunidades religiosas a partir de elementos ligados à maternidade e ao feminino, em defesa de suas culturas e tradições africanas.

Mãe Baratinha se tornou protagonista de sua história, da cidade de Cachoeira e do candomblé no Brasil. Ainda, sua trajetória religiosa e política se expande a um reconhecimento local, pois acima de tudo buscou melhorias para a população, principalmente para os moradores e moradoras do bairro Rosarinho, seguindo um curso fundamentado no benefício coletivo. Uma mestra *griô*, cheia de sabedoria que não foi adquirida na academia, seu conhecimento mostra a discrição e a grandiosidade de saberes capazes de explicar e valorizar a luta pela continuidade e sobrevivência das mulheres como líderes do candomblé e a resistência da população negra.

Nesta biografia foi ressaltada a importância desta Mãe de Santo que desenvolveu projetos socioculturais e buscou políticas públicas com a finalidade de promover e valorizar o povo de santo e a cultura afro-brasileira. Nestes escritos, a autora se preocupou em enfatizar a vida, a sobrevivência, a

construção e a continuidade dos ensinamentos e da ancestralidade vividos e repassados por essa mulher no âmbito da valorização e do reconhecimento das religiões de matriz africana, para além do sagrado, como uma forma de resistência, luta e sobrevivência negra.

*Zilda Amélia Costa de Souza e
Thais Gomes Machado*



Mãe Baratinha de Osùn em festa para Sangò e as Iyabàs

Parte I

A Menina das Águas: vida, memórias e ensinamentos de Mãe Baratinha

Mãe Òsùn se manifesta

Mãe Baratinha nasceu na cidade de Muritiba, Recôncavo da Bahia, em 1922. Seus pais, Dona Maria Ana da Silva e Seu André Ribeiro da Silva eram de Santo Estevão/BA e trabalhavam na lavoura para o sustento da família. Não gostavam da religião do candomblé, eram protestantes e frequentavam a Igreja, onde todos perguntavam sobre a pequena Galdina, pois ela nunca estava junto aos pais durante os cultos. Enquanto isso, a menina pegava folhas, machucava na porta da Igreja e ficava a brincar.

Eles não sabiam que sua filha já nasceu com a profecia de servir aos *òrisàs*, pois sua bisavó e avó eram curandeiras, como se chamavam as “candomblezeiras” na época. Estava no sangue da pequena criança, que logo apresentou os primeiros sinais da presença de *Òsùn*, Rainha das Águas, *òrisà* que pertence ao rio e às cachoeiras, deusa da beleza, do ouro e da fertilidade. Certo dia, a pequena menina, que se batia e tremia como se estivesse tendo um ataque de epilepsia, chamou a atenção de sua avó, que correu para lhe prestar socorro e observou que aquilo era coisa de santo.

Passado algum tempo, *Òsùn* torna a se manifestar, e a menina caiu com o rosto no chão, deixando sequela, pois entrou um grão de areia em sua testa – naquele tempo a casa era de chão pilado. No entanto, sua mãe achou que não fosse nada sério, só um pequeno caroço devido à queda. Passados mais ou menos seis dias, a pequena criança estava com o rosto todo inchado e mal conseguia abrir os olhos. Sua mãe tentou vários remédios, mas nada adiantava, foi quando resolveu

ir ao médico. No consultório, Dona Maria levou uma bronca por ter deixado tanto tempo o ferimento sem cuidados, o que resultou em uma infecção, com muita sujeira a ser retirada. Assim, foi feita uma drenagem e, em seguida, mãe e filha foram para casa. Em pouco tempo, ela estava curada, mas ficou com uma cicatriz na testa.

Depois de tudo o que já tinha lhe acontecido, sua mãe, Dona Maria, decidiu levar Galdina para a roça, pois não tinha com quem deixá-la. Sua irmã mais crescida ficava com uma comadre. A mãe precisava trabalhar na lavoura, então ela enrolava a filha em um pano e a colocava dentro de um balaio, ao alcance dos seus olhos. Certa vez, observando de longe, ela notou que a menina estava sorrindo bastante, o que lhe chamou a atenção. A mãe constatou que não havia ninguém por perto, e foi ver o porquê de tantas risadas. Ao se aproximar, levou um grande susto: sua filha estava dormindo toda enrolada por uma cobra, dos pés à cabeça, somente com um dos braços de fora. A mãe entrou em desespero, colocou as mãos na cabeça e começou a gritar por socorro: “Socorro, socorro! O que é que eu faço?”, andando de um lado para o outro. Foi juntando gente, até que alguém disse: “Vai chamar o velho que reza!”, e foram buscar o tal senhor. Ele veio, de longe já começou a rezar e, aos poucos, a cobra foi saindo lentamente, tomando a direção do mato afora. A solução, daí por diante, foi deixar a pequena Galdina com seus irmãos em casa, enquanto uma vizinha pudesse lhes “passar o olho”.

Outro dia, ao chegar da lida, a mãe encontrou a criança no chão, de bruços, com o rosto para baixo. Ela sempre caía,

só que dessa vez não acordava. Dona Maria, desesperada, sem saber o que tinha acontecido, tentava uma coisa e outra, e nada adiantava para acordar sua filha. Então, sua tia Felipa disse: “Leva essa criança para a casa da sua sogra!”, e nesse momento Dona Maria saiu correndo com sua filha nos braços.

Chegando lá, gritando, chorando e pedindo ajuda, o caboclo da avó da menina incorporou! Seu Rei das Ervas assim disse: “É a Rainha das Águas! Vou fazer um agrado para ela. Logo ficará boa!”. Então, pediu para Dona Maria cinco qualidades de tecidos, ou melhor, fitas de cores diferentes – amarela, verde, azul, branca e rosa. Seu Rei das Ervas enrolou a pequena Galdina e a levou para a beira do rio, pegou algumas folhas que só ele conhecia, amassou com uma pedra e passou no corpo da pequena, cantando várias cantigas. Em seguida, foi desenrolando-a, jogando as fitas no rio para que as águas as levassem. Mergulhou a criança nas águas rapidamente e, em seguida, ela acordou. Após tudo isso, o caboclo deixou o recado que a “menina era dele”, que “ele vinha primeiro e que a Rainha das Águas iria voltar”. Disse também que a menina tinha que fazer o santo, que era coisa de nascença.

Passou o tempo, sua família se mudou para Muritiba, pois seu pai tinha conseguido um trabalho na roça de um amigo, e mais uma vez a pequena Galdina voltou a sofrer. Agora, era sua barriga que crescia desproporcionalmente. Ela sentia muita fome, comia muito, mas não engordava. Na escola, suas colegas a chamavam de “pulga preta”, porque ela tinha a barriga grande e era muito magra. Foi quando correu o boato que havia chegado um Pai de Santo na cidade, Nezinho de *Ôgún*.

Pai Nezinho de Ôgún chega a Muritiba

O Senhor Manuel Cerqueira de Amorim, baiano, filho de português, era um jovem bem educado por seu pai, que tinha o desejo de vê-lo padre. Estudou para isso, mas não deu certo, pois ele tinha que cumprir sua profecia de ser zelador dos òrìsàs. Relutou muito contra isso, mas não conseguiu, seu destino era ser *Bàbálórìsà*. Então, ele abandonou tudo, deixou os estudos e foi seguir sua missão, e por essa decisão seu pai o deserdou.

Nezinho, como era conhecido, passou a sua infância na cidade do Capivari², mas já rapazinho decidiu entrar para o candomblé. Foi iniciado pelas mãos da saudosa Pulchéria Maria da Conceição, Mãe Pulchéria, e após sua partida continuou a se cuidar com Mãe Menininha do *Gantois*³ e ficou por lá um bom tempo. Ia ver sua mãe em Muritiba e retornava a Salvador, passando boa parte de sua adolescência e juventude com o povo do *Gantois*.

2 De acordo com o acervo historiográfico da *Iyálórìsà* Agba Neinha de Nanã, assinado por *Opotun* Vinicius, publicado em sua rede social no dia 26 de fevereiro de 2020, quando estava próximo ao centenário comemorativo do *Ilê Ìbésè Alákétu Aṣè Bàbà Ôgún Mèjéjé*, Manuel Cerqueira de Amorim, o Senhor Nezinho de Ôgún, nasceu em 17 de junho de 1900, na cidade de São Felix, no Recôncavo Baiano. Disponível em: <https://www.facebook.com/1440491026254206/posts/2243077629328871/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

3 No mesmo relato documental publicado na rede social da *Iyálórìsà* Agba Neinha de Nanã, o filho consanguíneo de Nezinho de Ôgún, Pai Jorge Amorim, narra: “Papai foi iniciado por seu avô, Analecto de *Azansun – Aratosegi Azonlepon*, mas naquela época o Terreiro do Capivari tinha predominância Jeje. Papai então foi para o *Ilé Omi Aṣè Ìyámásè* – o *Gantois*, dando continuidade às suas obrigações com Mãe Maria da Glória Nazareth, Mãe Carnal de minha Mãe Menininha. Seu Analecto tinha por vontade que Papai assumisse o *Ilé Oyo Ni Ìbésè*, mas ele desejou construir a sua própria história, construir o seu próprio *Aṣè*”.



*Manuel Cerqueira de Amorim ou Senhor Nezinho.
Fundador do Ilê Asê Ibessêm Alaketu Ogum Megegê*

Quando Nezinho decidiu morar com sua mãe, ele já era Pai de Santo, e levou sua missão nas mãos. Era *Bàbálòrìsà*, dando continuidade ao candomblé da Nação Ketu, abrindo na cidade de Governador Mangabeira o *Ilé Ìbésè Alákétu Asẹ̀ Bàbà Ògún Mèjéjé*, o qual ficou conhecido como “Roça do Portão” até os dias de hoje⁴.



Roça de Candomblé Ilé Ìbésè Alákétu Àşẹ̀ Baba Ògún Mèjéjé, O Portão, Mangabeira-Ba.

Lá em casa tem um pé de cá te espera⁵

Tudo começou quando Galdina, ainda criança, não tinha noção do que dizia e fazia, e todas as vezes que Senhor Ne-

4 Segundo a mesma fonte anterior, “Pai Nezinho era um grande cozinheiro e que sua maniçoba era tida como a melhor de todo Recôncavo, razão pela qual os funcionários da *Dannemann*, incluindo Mãe Morena, se reuniam na quitanda para comprar a iguaria. Desses encontros nasceu o enlace entre o *Babalòrìsà* filho de *Ògún* e a *Ìyálàşẹ̀ de Ìyábayín*, Mãe Morena. [...] E foi por meio dos recursos provindos da venda da maniçoba, bem como, com o auxílio de Mãe Morena, Mãe Bida e Mãe Júlia de *Iyewa*, que Pai Nezinho migrou definitivamente para Governador Mangabeira, no Portão da Muritiba, edificando o *Ilé Ìbésè Alákétu Asẹ̀ Bàbà Ògún Mèjéjé*. O nome “*Ìbésè*” decorre da ligação primordial de Pai Nezinho com o Terreiro do Capivari (*Ilé Oyo Ni Ìbésè*)”.

5 Cá te espera é uma expressão comum no Recôncavo da Bahia e se refere a algo que está previsto para acontecer.

zinho passava pela rua onde ela morava, com suas irmãs e colegas abusavam-no, pois elas ouviam dos outros que ele era feiticeiro. Ele andava sempre bem vestido, muito elegante⁶, gostava de usar paletó com uma capa por cima, usava também chapéu e, às vezes, guarda-chuva, dependendo do clima. Ele era muito bonito e as mulheres “ficavam doidas” com sua elegância. As crianças, todas as vezes que o avistavam, faziam chacota com ele, e por Galdina ser a menor de todas, as mais velhas sempre a colocavam na frente para fazer algo. A pequena obedecia às outras crianças, puxava a capa dele e o chamava de feiticeiro, e ele dizia para elas: “Que meninas danadas! Fiquem quietas, me respeitem!”, e dava queixa às mães. Três vezes elas apanharam, por desrespeitá-lo, mas não tinha jeito, até cantiga elas inventaram para insultá-lo. A ideia partiu da irmã mais velha de Galdina, Marcelina:

*Aruanda, Aruandinha,
uma facada no Ògún de Nezinho.
Aruanda, Aruandinha,
uma facada no Ògún de Nezinho.*

A fama de Senhor Nezinho logo se espalhou. Falavam muito do Ògún dele, que era muito bonito em terra. Ele

6 Para além da elegância, Senhor Nezinho era um homem de muito conhecimento. “Pai Nezinho foi registrado em 1940 pelo linguista americano Lorenzo Dow Turner, que em viagem à Bahia documentou sacerdotes que na diáspora ainda possuíam domínio acerca da cultura e idioma yorùbá – Na ocasião, mais de 50 cantigas e histórias narradas por pai Nezinho foram imortalizadas pelo gravador de Turner, compondo hoje o acervo do Archive of Traditional Music (ATM) da University of Indiana, Bloomington, Indiana, Estados Unidos”. Disponível em: <https://www.facebook.com/1440491026254206/posts/2243077629328871/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

passava sempre pela rua onde Galdina morava, pois logo adiante ficava o candomblé de sua filha de santo. Um dia, ele pegou a pequena Galdina pelo braço e disse-lhe seriamente, olhando nos olhos dela: “Em minha casa tem um pé de cá te espera!”, e pediu para que ela falasse para sua mãe o que ele havia dito, mas ela dava risadas e nem imaginava o significado desse dito popular. Passado alguns dias, Senhor Nezinho chamou Dona Maria e disse-lhe: “Olha, senhora, eu não vou fazer nada de mal para essas crianças, que elas não merecem, mas a senhora ainda vai bater na minha porta”, já que ela também o difamava. Dona Maria se danou, ficou nervosa, xingou Senhor Nezinho, chamou-o de satanás, falou um monte dele e bateu nas filhas por causa do acontecido.

A pequena Galdina era a mais danada das crianças de Dona Maria, até correr atrás de carro, ela corria, daí se originou o apelido de Baratinha, por que ela saía correndo atrás de um carro que lhe chamava muito a atenção, e que naquela época era popularmente conhecido como baratinha.

A menina Baratinha e sua família não acreditavam na religião

Passado um ano, em uma quarta-feira, a irmã mais velha de Baratinha entrou para o Roncó⁷, iniciando-se no candomblé, preparou seu corpo para receber o *òrìsà* na roça de Senhor Nezinho, no Portão. A mãe, Dona Maria, não sabia

7 Quarto sagrado pertencente aos domínios do terreiro de candomblé, onde se recolhem os iniciados, no qual só podem entrar aqueles que também já se iniciaram.

dizer ao certo como sua filha entrou para a religião, mas, ao ficar sabendo, imediatamente foi buscá-la. Chegando lá, Senhor Nezinho não estava, então a mulher foi dar uma queixa do Pai de Santo na delegacia da cidade. Contou tudo para o Capitão – como era chamado o delegado na época. O então capitão era compadre de Senhor Nezinho, mas Dona Maria não sabia. Ele explicou a ela que não poderia ir até lá, mas iria mandar dois “praças” – como eram conhecidos os soldados. Ele afirmou que a lei estava ao lado dela, que era um direito revogar sua filha e que o Senhor Nezinho iria entregá-la, não sendo preciso ir ao Juiz. O capitão, na verdade, estava tentando contornar a situação que envolvia o compadre, pois a menina era menor de idade, tinha entre 15 e 16 anos, e estava lá sem ninguém saber, sem a permissão dos pais.

Foram para a roça de Senhor Nezinho e, ao chegar lá, Dona Maria disse ao Pai de Santo: “Vim pegar minha filha, minha família não é para o candomblé!”, e Senhor Nezinho lhe respondeu: “Entre, Dona Maria, vá buscá-la!”. Então, ela chamou os dois “praças” para entrar com ela, porém, Senhor Nezinho não deixou e disse que eles não tinham o direito de entrar na sua casa sem autorização, apenas ela poderia fazê-lo. Ao adentrar no terreiro, em busca de sua filha, passado um tempo, Dona Maria saiu correndo, assustada e gritando: “Não vou entrar mais aí não! Essa porcaria aí tá cheio de diabos! Não vou entrar para o diabo não me perseguir!”. Retornando para casa, ela contou às filhas e aos “praças” o motivo de ter saído daquele jeito: ao chegar perto da porta de um dos quartos, ela ouviu um ronco e viu seus pés uns dois palmos fora do chão, sentiu algo estranho e ficou toda arrepiada. Quando ela conseguiu botar os

pés no chão, saiu correndo assustada e gritando. Voltando para a delegacia com os “praças”, Dona Maria ainda levou um “carão” (reclamação) do “Capitão”, por ter ocupado os soldados e não ter resolvido nada. Após sete dias, era chegado o momento da festa e Senhor Nezinho foi convidar Dona Maria para a saída da *Ìyàwó*⁸: “A senhora vem?”, perguntou-lhe, e ela respondeu: “Vou, Senhor Nezinho!”. A pequena Galdina pegou algumas pedras, suas colegas pegaram outras, por que se ele dissesse alguma liberdade a Dona Maria, elas acabariam o candomblé a pedradas. E lá estavam para ver o *òrisà* trazer seu *orunkó* no barracão, para que todos escutassem.

Na saída da irmã de Galdina, logo se assustaram, pois ela estava com a cabeça raspada, onde carregava uma panela de fogo. As crianças ficaram doidas, chorando e gritando, “Matou minha irmã! Esse miserável, matou minha irmã!”. Então, Dona Maria tentou acalmá-las, mas também estava assustada, contudo, conseguiu se conter. Na hora de ir embora, Senhor Nezinho disse para Galdina “Paro ano é você, minha filha!”, e ela lhe respondeu “Deus me livre do seu candomblézinho, Deus me livre! Aí só tem Diabo”, e foram embora. Naquela noite, a pequena Galdina não conseguiu dormir. Ela ficou muito impressionada com o que tinha presenciado, chorou bastante e queria ver sua irmã para saber se ela estava com a cabeça queimada. No dia seguinte, logo cedo, ela foi visitar sua irmã, a *Ìyàwó* de *Sàngó*, que estava bem e alegre, e conversaram bastante. A *Ìyàwó* acalmou sua irmã Galdina, dizendo-lhe: “Não foi nada, não doeu. Eu não vi nada e estou bem!”.

8 Cerimônia pública no qual se revelam os iniciados recolhidos no *Roncó*.

Mãe e filha: lição em dobro

Passado um tempo, a jovem Galdina voltou a ter problemas de saúde, sua barriga começou a crescer e nada lhe satisfazia, nem saciava sua fome. Na escola, suas colegas continuavam a chamá-la de “pulga prena”, por estar muito magra e só ter barriga. Ela brigava com as colegas e com todos que a chamavam desse apelido, jogava pedra, era muito danada. Sua mãe fazia tudo o que os mais velhos ensinavam, mas nada adiantava. Foi então que uma vizinha informou que tinha um médico muito bom em São Félix, Dr. Valdério, então a mãe levou Galdina para uma consulta. O médico passou todos os exames necessários e, após algumas semanas, Dona Maria retornou, levando os resultados. Olhando os papéis, ele disse: “Dona Maria, sua filha não tem nada de médico, leve ela ao ‘curador’”. Ela não tem nada de médico!”. Mesmo assim, a mãe ficou relutando para levar sua filha ao “curador”. Sem querer aceitar a situação de que mais uma das suas filhas ia “ser de macumba”, em meio a tudo isso, Dona Maria recebeu um recado do caboclo da avó de sua filha Galdina, Seu Rei das Ervas. Ele mandou avisar que era chegada a hora, e que levassem a criança para casa de Senhor Nezinho. Vendo que não tinha outro jeito, e que sua filha estava sofrendo, a mãe levou a menina. Nesse tempo, Dona Maria já se dava melhor com Senhor Nezinho, e quando lá chegaram, o Pai de Santo jogou os búzios e disse: “Dona Maria, essa menina é filha de *Òsùn!* É *Òsùn* que está fazendo tudo isso com ela, e a Senhora é filha de *Obàlúwàiyé* com *Yemojá*”. Foi aí que Dona Maria percebeu que Senhor Nezinho era uma pessoa

do bem, que a tratou com muito respeito e atenção, então as duas fizeram um Ebó e Senhor Nezinho disse para elas ficarem sete dias de resguardo, e que durante esse período não comessem caranguejo, siri, nem arraia.

Após os cuidados, Galdina ficou na casa de candomblé com sua irmã e o povo da roça por três dias. Ao voltar para sua casa, a menina estava muito bem e não sentia nada. No quinto dia, sua mãe disse: “Vou comprar minha corda de caranguejo e vou comer! Não vou ficar atrás de candomblé. Não sou filha de santo dele, nem de ninguém, sou de Jesus! Quem sabe da minha vida sou eu!”. Dona Maria, decidida, fez aquela panela de escaldado de caranguejo e todos comeram. Isso aconteceu por volta das 11 horas da manhã, em uma quarta-feira. Quando foi dando perto do meio-dia, Dona Maria teve um comportamento estranho, parecia “doida”, “doida de jogar pedra”, como dizem. Conseguiram amarrá-la depois de muita luta e, quando viram que ela não iria ficar boa, partiram rumo à casa da sogra. Ao passar em frente à roça de Senhor Nezinho, a mãe de Galdina gritou que queria ficar ali na casa dele, que queria vê-lo. Então, entraram porta adentro com Dona Maria nos braços, dando um grande susto em Senhor Nezinho, que disse: “Quem mandou invadir minha casa? Soltem ela!”. De repente, ela pulou na frente dele e palmeou o homem, respondeu a ele com uma força bruta, deixando-o assustado, mas mesmo assim ele conseguiu dominá-la e disse: “Isso é resguardo quebrado! Ela quebrou o resguardo dela e da filha, vai ter que fazer tudo de novo, um novo Ebó!”. Deram um banho de ervas nela, para que se acalmasse, e

seguiram para a casa da avó de Galdina. Dona Maria ficou em cima da cama por mais de um mês, e a criança Galdina continuou com sua barriga crescendo. Senhor Nezinho teve então que fazer um novo trabalho nas duas. Mandou que levassem uns banhos, umas garrafadas que ele mesmo preparou para tomarem e, com passar de algumas semanas, ficaram boas novamente.

Cobra que pia feito galo

Um belo dia, Galdina pediu para sua mãe deixá-la ir brincar na roça de Senhor Nezinho, com sua irmã e outras meninas. Dona Maria deixou, porém com uma condição: na hora que fosse tocar o candomblé, ela voltasse para casa, e o acordo foi aceito pela pequena. Contudo, a menina não tinha conhecimento que havia *Ìyàwó* recolhida no Roncó, portanto, mal tinha ideia do risco, diante de uma possível iniciação. Ela ficou lá, brincando e sempre falando mal de Senhor Nezinho e do candomblé, desfazendo de tudo. A pequena era a mais desafiada e vivia falando mal dele. Mesmo depois de tudo o que ela e sua mãe passaram, Galdina ainda não acreditava na religião, dizia que era tudo mentira.

Bem, no outro dia, sua mãe perguntou para uma das filhas de santo de Senhor Nezinho se as *Ìyàwós* já tinham entrado no Roncó, ao que ela respondeu: “Já! Já estão para sair!”. Então, Dona Maria, achando que sua filha estava fora de risco, deixou-a ir mais uma vez brincar na roça, pois seu medo era de que acontecesse com sua filha Galdina o mesmo que aconteceu com Marcelina, não sabendo ela que sua filha mais nova estava a dois passos do Roncó, e que sua intuição estava certa.

Em uma tarde, Galdina brincava com suas colegas na roça, quando Senhor Nezinho lhe chamou: “Venha cá, menina!”. Ela o atendeu já toda “escabreada” e com medo, pensando que ele fosse brigar, devido ao que ela falava dele. Mas a situação era outra, e Galdina ficou surpresa com o que ele disse: “Oh, minha filha, vá ali para mim, comprar 1 quilo de açúcar!”. Ela foi com as colegas, todas juntas: “Vamos negrada, ali comigo”, e saíram correndo na brincadeira – isso era umas 4 horas da tarde. Na volta, uma meninada disse: “Olha ali no pé de árvore de *Iyà mi Oxorongá*⁹, tem uma cobra que canta feito galo!”, e Galdina respondeu: “É mentira sua! É mentira de vocês! Não tem cobra nenhuma que canta feito galo! Você tá falando isso pra me assombrar, pra dizer que Senhor Nezinho é santo, santo é Jesus. Nunca vi cobra cantar!”. Quando já estavam dentro da roça, passaram por debaixo de uma grande jaqueira, a jaqueira de *Ògún*. Foi aí que ela e todos os outros ouviram o canto de um galo, e uma das crianças disse: “Tá ouvindo?

Olha aí ela cantando!”. A pequena Galdina respondeu: “Isso é algum frango por aí cantando”. Só que, ao mesmo tempo, a menina não conseguia sair do lugar, tremia muito, as demais crianças saíram correndo, cada uma para um canto, e ela permaneceu parada, olhando para um lado e para outro, e não viu nada. Foi quando ela sentiu algo frio em seus pés, e viu que era uma cobra com uma crista de galo. A menina deu um grito e caiu, perdeu os sentidos, não viu mais nada. Após 14 dias

9 As *Iyà mi Oxorongá* representam o culto aos ancestrais femininos por meio da sociedade *Gèlèdè* e da sociedade *Egbé*. No culto afro brasileiro as *Iyà mi Oxorongá* é o termo que designa as terríveis *Ojés*, feiticeiras africanas, uma vez que ninguém as conhece por seus nomes. É muito comum ouvir dizer que não se deve pronunciar vossos nomes.

do episódio da cobra, Galdina acordou e então ficou sabendo que havia entrado para o Roncó e que tinha feito o santo, como se dizia na época. Ficou sabendo também que agora era filha de santo de Senhor Nezinho, junto com suas irmãs de barco: Almerinda de Ògún, Morena de Nanã e Jil de Ògún.



Árvore das Iya Mi Osorongà na roça do Ilê Ibecê Alaketu Ogum Megege. Local onde Mãe Baratinha haveria ficado em transe antes de ser recolhida para iniciação.



Orisà Òsùn de Mãe Baratinha na tradicional festa de Òsùn do Ilê Kaió Alaketu Asê Òsùn

A descrença virou amor e respeito

Agora *Ìyàwó* de *Òsùn*, Galdina foi se acostumando junto à sua irmã que já estava na roça, e que lhe explicou todo o motivo de ela sofrer tanto da barriga e de tudo o que tinha passado, conscientizando a nova *Ìyàwó* da sua situação. Sua mãe, Dona Maria, havia se conformado, pois ela melhor do que ninguém sabia do destino da filha, já não procurava mais brigas, chegou a dizer que já sabia que a menina tinha o calundu¹⁰ dela, e iria deixá-la cumprir sua sina. A *Ìyàwó* de *Òsùn* ficou morando na roça, ia ver sua mãe e retornava para o *Ilé*, e assim, dia após dia, ela foi aprendendo a amar e respeitar seu Pai de Santo e o candomblé. Não saiu da roça, passou o resto de sua infância e adolescência com seu Pai Nezinho, e adquiriu muito orgulho de ser sua filha de santo e de fazer parte da Nação Ketu, uma filha do *Ilè Ìbèsè Alákétu Àṣẹ̀ Bàbà Ògún Mèjéjé*, o Portão, em Governador Mangabeira/BA.

Com o passar dos anos, foi dando continuidade à sua religião com dedicação e amor, tornando-se uma filha de santo exemplar e dedicada. Passou-se muito tempo, a *Ìyàwó* de *Òsùn*, que ficou conhecida por Baratinha, completou 21 anos de *Asè*! Após muitos anos de santo, seu Pai Nezinho plantou seu *asè*, impulsionando sua filha a abrir uma casa de candomblé, pois além da idade de santo, após anos de sua feitura ela recebeu o caboclo da avó, Seu

10 A palavra calundu seria uma variante do vocábulo quilundu, termo usado para designar qualquer tipo de espírito responsável por causar doença ou aflição passível de ser curada por meio da intervenção de um sacerdote.

Rei das Ervas, o qual já trabalhava muito bem. Mãe Baratinha não queria nada disso, não gostava da ideia e não queria saber de abrir casa de candomblé. Ela falou para seu Pai Nezinho que só queria cumprir com suas obrigações religiosas e pronto. Mas o tempo foi mostrando para ela que “com o vento não se pode”!

Parte II

A mudança para Cachoeira: O Rosarinho, as cobranças do *Odú* e a vida difícil

Rosarinho: “escolhido por Òsùn”

Devido à necessidade de trabalhar, Galdina se mudou de Muritiba para Cachoeira, e Dona Maria, que nessa época estava muito adoentada, foi viver com sua filha. Os outros filhos tomaram “seus rumos”, e ela permaneceu com Mãe Baratinha até os últimos dias de sua vida¹¹.

Viveu no bairro Cucuí de caboclo, logo no início, depois passou um tempo pela comunidade da Rua da Feira e, por fim, na década de 1950 foi viver no Alto do Rosarinho. Nessa época, o Rosarinho ainda era pouco habitado, e Mãe Baratinha foi uma das moradoras pioneiras do bairro, ajudando depois a melhorá-lo, enquanto comunidade, lutando por serviços básicos como abastecimento de água e eletricidade¹².



Início da construção de casas para os filhos de santo no o Ilê Ìbèsè Alákétu Àṣẹ Baba Ògún Mèjèjé. Mãe Baratinha em frente a casa presenteada por seu Pai de Santo Nezinho na Roça do Portão.



Vila de casas de filhos santo atualmente no Ilê Ìbèsè Alákétu Àṣẹ Baba Ògún Mèjèjé

Os asès de Mãe Baratinha

Com o tempo, Senhor Nezinho foi providenciando fazer tudo o que Mãe Baratinha tinha direito, e ela foi seguindo “seu destino”, e mesmo com todas as dificuldades da época, iniciou seu candomblé. Naquele período, a *Iyálórisà* já era mãe de seus primeiros filhos biológicos, mas sua devoção à religião e aos *òrisàs* era admirável. Em tempos de obrigação na roça do *Ìbèsè* (Portão), sem ter espaço na casa grande do candomblé para abrigar a todos os filhos, filhas e visitantes, Mãe Baratinha e outras irmãs de

santo montavam acampamento embaixo da grande e famosa jaqueira de *Ògún*. Durante as festas nos meses de janeiro e fevereiro, ficavam ali, pois a Mãe de Santo dizia: “Não tenho motivos para faltar nas obrigações, feitas com muita luta e trabalho”. Com o tempo, Nezinho de *Ògún* construiu várias casinhas, formando uma vila de casas para abrigar filhos e filhas de santo, amigos, amigas e visitantes. Mãe Baratinha ficou muito feliz, pois ele a presenteou com uma dessas casas, e para ela foi ótimo, pois agora teria onde ficar mais bem acomodada no período das obrigações com seus filhos. A *Iyálórísà* cuidava muito bem de sua casa na roça de *candomblé*.

Estava sempre a pintar e trocar algumas madeiras do telhado, que os cupins insistiam em estragar. Mais tarde, sua casa na roça do *Ìbésè* passou a abrigar seus filhos/as, netos/as, filhos/as de santo e amigos/as. Mãe Baratinha tinha uma relação muito profunda com a sua casa raiz. Para ela, o *Ilé Ìbésè Alákétu Asè Bàbà Ògún Mèjéjé* era um lugar sagrado, e todos os seus *Ìyàwós* tinham que pisar na terra sagrada de *Ògún*, no Portão. Ainda que iniciasse *Ìyàwós* fora de época, nos meses de agosto e setembro, escolhidos por Mãe Baratinha para fazer as suas obrigações em sua própria roça em Cachoeira, o *Ilé Kaiò*, ainda assim, ela seguia a tradição de levar os/as *Ìyàwós* lá no Portão, e até os dias atuais desfrutamos da casa presenteada por Senhor Nezinho à Mãe Baratinha. Seu Rei das Ervas, como não dava trégua para Mãe Baratinha, exigiu que ela fizesse sessão de mesa branca por quinzena. Muitas vezes ela chegava a ficar zangada com tantas exigências do caboclo. Devido à sua vida ser marcada por vários desafios encontrados naquela época, ela era uma mulher definitiva-

mente sobrecarregada. Nesse tempo, em que Seu Rei das Ervas se impunha na vida da *Iyálórisà*, querendo trabalhar e se manifestar nas sessões, ela estava casada e seu marido não gostava de candomblé, muito menos de sua mulher se ocupando com tanto nos afazeres religiosos. Ele não gostava de Seu Rei das Ervas, pois o caboclo tinha um domínio sobre sua esposa, e certas vezes, nem a sessão de mesa branca seu companheiro Donga permitia que fosse feita na residência do casal, então elas eram realizadas na casa de Dona Odete¹³, com o apoio do seu marido, Seu Martins e na casa de Dona Cleonice, conhecida como Creó que viria a ser sua filha de santo, *ékèdi* confirmada por *Òsùn*.



Odete Pereira de Oliveira (in memorian), Egbomi Odete de Òsún

Mas como o Senhor Rei das Ervas era muito presente na vida de Galdina, fez Seu Donga se convencer quem era o “dono de Mãe Baratinha”, além dos muitos conselhos de pessoas mais velhas e “entendidas” que tentavam fazê-lo entender que a *Iyálórisà* não poderia renunciar a Seu Rei das Ervas. Foi assim que ele “deu o pescoço a canga”, ou seja, aceitou a situação para não perder sua esposa. Com o passar do tempo, Mãe Baratinha começou a fazer as sessões em seu barracão, deixando Seu Rei das Ervas muito satisfeito, que dançava ao som das palmas e dos batuques feitos pelo povo nos bancos de madeira.



Sessão de Seu Rei das Ervas no Alto do Rosarinho em Cachoeira-Ba.

Os amigos Zé de Zuza e Moitó eram tocadores presentes e testemunharam muitas histórias de Seu Rei das Ervas nesse tempo. É importante salientar que as sessões do caboclo Rei das Ervas já aconteciam onde hoje se encontra o *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*, bem antes de Mãe Baratinha iniciar seus

primeiros filhos e filhas de santo, como consta oficialmente na Federação Nacional de Culto Afro-Brasileiro (FENACAB). Para essa instituição, o registro de fundação da casa é datado a partir do primeiro barco de *Ìyàwó*, em 1975, enquanto que para a comunidade o candomblé de Mãe Baratinha antecede essa data, pois muito tempo antes já se fazia festejos, cabana para sessão de Seu Rei das Ervas.

Era difícil dar conta de todos os compromissos com o caboclo, Mãe Baratinha se aborrecia muito e dizia: “Bem fazia meu Pai de Santo, que não gostava de caboclo!”¹⁴. Um dia, ela contou para nós, filhas de santo, uma história sobre Senhor Nezinho e seu caboclo. O Pai de Santo só assentou o caboclo dele devido à lição que recebeu da entidade. Certa vez, ele havia sonhado com um índio com uma das pernas toda amarrada de cipó, dizendo para ele: “Eu sou Caipó, sou seu caboclo!

Ou você me dá comida ou vai morrer de fome”, mas ele, teimoso, não obedeceu! Então Senhor Nezinho caiu em um

14 O candomblé de caboclo, como era conhecido, teria surgido na Bahia entre o povo de santo ligado ao candomblé de Nação Ketu, originalmente pouco afeito ao culto de caboclo, justamente para marcar sua distinção, ou seja, sua africanidade em relação aos terreiros de caboclos. Os *Inkisses*, *Òrisàs* e *Voduns*, conjunto das divindades oriundas da África, compõem o nível superior da hierarquia sagrada do candomblé Ketu e pertencem à ordem da ancestralidade. Os caboclos, respeitados e devotados como “os donos da terra”, ganham seu culto, ainda que periférico, em casas Ketu, mantendo-se em espaços separados dos locais dos òrisàs, além de diversas outras restrições (PRANDI, 2004). Muitas histórias já foram registradas de pessoas como Mãe Baratinha que, além do vínculo ancestral com o òrisà, carregam a missão de caboclo. Quando assim acontece, ao que se sabe, essas pessoas precisam cuidar das duas partes, a do òrisà, no candomblé, e também cuidar dos caboclos, criando as sessões em que essas entidades ora vêm para fazer orações e atender ao chamado daqueles que as procuram, ora vêm para dançar e tirar suas cantigas ao som dos atabaques. Na época de iniciação de Mãe Baratinha, após cumpridas as obrigações com o òrisà, os filhos de santo que tinham caboclos “para trabalhar”, eram orientados a doutrinar seus caboclos realizando sessões.

tempo muito difícil. Passou uns seis meses sem clientes, sem jogar búzios ou nada que lhe rendesse dinheiro. Nesse período foi ajudado por um amigo que tinha dois açougues e também por um filho de santo que tinha uma barraca em Água de Meninos, em Salvador, que lhe mandavam proventos para ajudar nas despesas e sobrevivência.

Quando se deu conta de que as coisas não melhoravam e a situação só se agravava, entre outras lições, então Senhor Nezinho se conformou e aceitou dar comida a seu caboclo. Ao término das festas dos *Òrìsàs*, depois que todos os filhos e filhas de santo já tinham ido embora, ele fez a obrigação de caboclo discretamente, sem que todos soubessem. Mesmo assim, não satisfeito, no ano seguinte Seu Caipó tornou a pedir comida e, dessa vez, ele queria sua obrigação com fogos e gente. Senhor Nezinho, acuado e obediente ao seu caboclo, devido aos problemas que havia passado ao ignorá-lo, fez tudo como a entidade queria. Foi obrigado a sair contando para alguns filhos e filhas de santo sobre a festa de caboclo que iria dar, inclusive para Mãe Baratinha, que por não saber dessa obrigação extra, já tinha acertado com o motorista do caminhão para levá-la de volta pra casa com todas as suas coisas já arrumadas, como fazia ao final das obrigações dos *òrìsàs*.

Mãe Baratinha contou que levou um susto danado com o pedido do Pai de Santo, e que disse pra ele: “Ave Maria, meu Pai! E agora? Eu só estou esperando o caminhão chegar!”. Senhor Nezinho, muito zangado, determinou que ela dispensasse o caminhão. Uma irmã de santo de Mãe Baratinha, Ana de Sàngó (*in memorian*), estava próxima, vendo toda a situação, e comentou com ela que o Pai de Santo estava daquele jeito por estar prestes a dar

comida ao caboclo dele, Seu Caipó, e ainda por cima, ia ter que tocar. Descrente daquilo, Mãe Baratinha foi perguntar para ele e levou outra bronca: “Tudo você quer saber! Quem falou?”. Então, ela lhe respondeu: “Ah meu Pai, mato tem olho, parede tem ouvido. O senhor está pensando o quê? Eu não estou aqui enganada!” Ele a olhou e respondeu: “Vou dar comida a ele, a Jupira e Seu Raio do Sol”¹⁵. Todos os filhos e filhas de santo que tinham e recebiam caboclos ficaram na roça para a obrigação. A festa foi até o amanhecer do dia, e só depois todos e todas foram para suas casas. A partir dessa festa exigida por Seu Caipó, instituiu-se a obrigação dos caboclos ao final das obrigações dos *òrìsàs*. Após o cumprimento de todos os rituais e festas destinadas às divindades africanas, haveria a obrigação dos caboclos, para que comessem e tivessem seu momento.

A luta para construir seu barracão

Nezinho de *Ògún* faleceu em 1973. Mãe Baratinha, com toda dor e saudade de seu Pai, teve que dar continuidade, dedicando-se ao seu *Ilè*, elevando o nome do *Bàbálórìsà* Nezinho de *Ògún* e da Roça do Portão. Manteve-se firme e, ano após ano, lá estava dando sua obrigação, como sempre fez.

Enfim, Cachoeira ganhou a sua primeira casa de candomblé de Nação Ketu, a casa de Mãe Baratinha de *Òsùn*, descendente do *Ilè Ìbèsè Alákétu Aṣè Bàbà Ògún Mèjéjé*, o *Ilé Kayò Alákétu Aṣè Òsùn*, situado no Alto do Rosarinho. Até então, em Cachoeira, só se falava em Nagô, por que foi a primeira Nação a chegar, depois

15 De acordo com Mãe Baratinha, esses foram os três primeiros caboclos assentados na Roça do Portão.

veio o Jeje e, por fim, a Nação Ketu¹⁶. As primeiras filhas de santo de Mãe Baratinha foram iniciadas na Capapina¹⁷, na década de 1970, no *Ilé Asà Sàngó Obà Coruji*, de Seu Valter. Ele queria que essas obrigações fossem realizadas na roça dele, já que uma das *Ìyàwós* era sua própria esposa, Tonha de *Òsùn*. Além de Tonha, foi iniciada também Tudinha de *Òsòdsì*.

Mãe Baratinha iniciou seu primeiro barco no *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn* no ano de 1975, com cinco *Ìyàwós*, entre eles dois de seus filhos biológicos: Juciara, apelidada de Preta de *Òsógìyan* com *Òsùn*, e Jiorlando, apelidado de Jijiu, de *Òsàlúfòn* com *Sàngó*. Foi seu irmão de santo, Dudu de *Sàngó* (*in memorian*), o responsável pela iniciação de seus dois filhos, já que pais e mães não podem iniciar seus próprios filhos biológicos no candomblé, “por já serem pais uma vez”.



Quarto barco de Mãe Baratinha no final da década de setenta. Entre os iniciados está a autora da biografia Cátia Virgínia, Yaô de Obaluaê na época.

16 Os terreiros do Recôncavo Baiano surgiram na segunda metade do século XIX, a partir dos anos de 1860, com a Roça de Cima, o Sejá Hundé, conhecido também como “Roça do Ventura”, da Nação Jéje-Mahi, fundado por Ludovina Pessoa e Xarene, tendo, mais tarde, como personalidades, os irmãos Zé de Brechó e Salacó e, em seguida, também nos anos de 1860, o Terreiro do Capivari, da Nação Nagô-Vodum, fundado por Anacleto Urbano da Natividade (VELAME, 2012).

17 O espaço territorial da Capapina, Rio da Capapina, é hoje demarcado como o bairro dos Três Riachos e conhecido como Rua da Feira, em Cachoeira. Historicamente, é um território que concentrou marcas do culto aos *orisàs* e terreiros de candomblé da cidade de Cachoeira.

Mãe Baratinha contou com ajuda também de algumas irmãs de santo e amigas, pois como ela mesma dizia: “No candomblé não se faz nada só!”. Ano após ano foram chegando mais e mais filhos e filhas de santo. Com muita luta e trabalho, foram aumentando o barracão e construindo os quartos para os *òrisàs*. A maior parte dos recursos que adquiria como *Iyálórisà*, Mãe Baratinha investia na roça e usava para as entidades. O Rosarinho, nessa época, não tinha água encanada e era muito difícil realizar as obrigações, era preciso carregar água na cabeça, subindo a ladeira e/ou a escada do bairro. Era preciso ir ao Rio Paraguaçu, na prainha¹⁸ do bairro Viradouro, lavar roupas – que não eram poucas – praticamente todos os dias. Era cansativo, muito sacrifício, ainda que as tarefas fossem divididas entre os filhos e filhas de santo, para que tudo desse certo e todos cuidassem da sua parte.

Eram 45 dias de obrigações e festas abertas nos meses de agosto e setembro, e assim permanece até os dias atuais. As obrigações só terminavam com a festa de Seu Rei das Ervas e todos os caboclos dos filhos e filhas da casa. Eram três dias de festa, e ainda havia as celebrações que aconteciam separadamente para os caboclos Seu Serra Negra e Marujo, entidades também incorporadas por Mãe Baratinha. Todos os guias que “pegavam” a *Iyálórisà* eram reverenciados com muito respeito e dedicação, cada um no seu tempo, pois ela dizia que cada um exercia uma força sobre ela, sobretudo Seu Rei das Ervas, que foi quem mais a castigou por desobedecê-lo.

Certa vez, Seu Rei das Ervas enfrentou Senhor Nezinho. Mãe Baratinha contava que seu Pai de Santo fez uma festa

18 Local às margens do Rio Paraguaçu.

para os caboclos, só que também acabou marcando de última hora um Bori¹⁹ de uma filha de santo de Salvador, e pediu aos caboclos que fossem embora, pois iria se ocupar. A maioria dos caboclos prontamente obedeceu ao *Bàbálórìsà* e começou a cantar as cantigas de ir embora, porém outros caboclos, ouvindo o chamado de Seu Rei das Ervas, se enfiaram no mato, e com poucos minutos voltaram cantando, entraram no barracão, alguns vestidos de cansação²⁰, um deles com uma cobra enrolada no pescoço, outros comendo gafanhoto. Senhor Nezinho correu, pois como mencionava Mãe Baratinha, ele sempre foi “temeroso” com os caboclos, o que indicava que sabia que tais entidades, diferentemente dos *òrìsàs*, não eram doutrinadas facilmente.



Caboclo Rei das Ervas, entidade herdada por Mãe Baratinha de sua avó paterna. Sessão de Seu Rei das Ervas no Alto do Rosarinho em Cachoeira-Ba.

O Pai de Santo não teve saída, precisou suspender o Bori. Seu Rei das Ervas disse a ele: “Não vou embora, viu compa-

19 Ritual do candomblé que significa oferenda ao Orí.

20 Nome vulgar dado a várias das espécies de vegetais, que assim como a urtiga, causam sensação de queimadura ao toque com a pele.

di!”. E o Pai Ihe respondeu: “Tá certo, meu velho!”. Então, Senhor Nezinho ficou olhando a festa, segurando seu guarda-chuva, vestido com sua capa, enquanto os caboclos dançavam na chuva. Os caboclos que Mãe Baratinha incorporava não eram suas próprias entidades. Seu Rei das Ervas, como já se contou aqui, era de sua avó paterna, que ficou para Mãe Baratinha de herança, como é compreendido pelo povo de santo. Seu Serra Negra era um caboclo originário de sua filha Jucinélia, a Neinha; e Seu Marujo, era uma entidade de sua outra filha, Jildália, conhecida como Bil²¹.



Cerimônia para Marujo, foto de Marujo com a filha Bil de Mãe Baratinha.

O caboclo original de Mãe Baratinha era Seu Rei de Congo, que veio a incorporar uma das filhas de santo, Ana de Òsùn, passado muito tempo. Ana teve essa primeira incorporação

21 As razões para que os caboclos de suas filhas de santo tivessem se tornado entidades incorporadas por Mãe Baratinha nunca foram explicadas por ela. O que se supõe é que, pelos tabus pertinentes à Nação Ketu, referentes ao culto aos caboclos, as interdições tenham sido causadas pelos próprios *òrisàs* das filhas.

em um determinado dia das festas de setembro, quando, chamada para dançar com um caboclo, sentiu-se estranha e foi levada à incorporação de Seu Rei do Congo, que veio e anunciou que estava com fome, não gostava de festa e era caboclo de mesa branca. Ele também revelou que a cabeça de Mãe Baratinha já “tinha muito dono”, e por isso escolheu a filha de santo dela para incorporar.



Marujo, caboclo da linha das águas, marujadas, entidade originalmente pertencente a sua filha Bil, incorporado por Mãe Baratinha.

Parte III

**A famosa Mãe Baratinha de *Òsùn*
da nação Ketu: Sua morte e a
sucessão do *Ilé Kayò Alákétu Asé*
*Òsùn***

Mãe Baratinha: Respeitada e conhecida

Ainda na luta pelas melhorias do seu *Ilé*, Mãe Baratinha estava sempre pronta para dar uma palavra de carinho e sabedoria. Ela tinha filhos e filhas de outros estados e até mesmo no exterior, que muitas vezes precisavam de intervenções da *Iyálórisà* para a resolução de problemas ou situações da vida. Todo esse trabalho lhe provia recursos, que ela investia em seu barracão.

Mas nem só de candomblé Mãe Baratinha sobrevivia. Ela foi trabalhar muito cedo na fábrica de fumo, que de tão nova que era, foi preciso alterar sua data de nascimento nos documentos, a fim de aumentar a idade para que a *Suerdieck*²² pudesse contratá-la, na função de capiadeira²³. Nos finais de semana, nas festas de largo, ela colocava tabuleiro com acarajé, bolinho de estudante, peixe frito, rolo de cana e bolo na palha de banana para vender, além de também viajar para festas de rua em outras cidades próximas. Durante muito tempo, Mãe Baratinha trabalhou até com a venda de fato²⁴, na feira livre de Cachoeira. A Mãe de San-

22 Em meados do século XIX, as primeiras manufaturas de fumo foram fundadas no Recôncavo Baiano, trazendo mudanças significativas na forma de produzir e exportar o tabaco. Foi nesse contexto que as duas principais fábricas de charutos foram instaladas, a *Dannemann* e a *Suerdieck*, ambas fundadas por imigrantes alemães. No início do século XX o Recôncavo começa a ganhar destaque como região produtora de charutos". Disponível em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=227>. Acesso em: 23 jan. 2021.

23 O trabalho feminino de produção de charutos no Recôncavo da Bahia, sobretudo nas cidades de Maragogipe, Cachoeira e São Félix, durante a primeira metade do século XX, teve papel significativo nas estratégias de sobrevivência e condições históricas de pobreza, discriminação sexual e social e invisibilidade. Muitos estudos foram feitos sobre o assunto, entre eles: "Fazer charutos: uma atividade feminina", dissertação de Elizabete Rodrigues da Silva (2001).

24 Vísceras de porco, boi, ovelha, cabrito e animais em geral.

to sempre foi muito dinâmica e exerceu forte presença comunitária. Por muito tempo atuou como parteira e ajudou muitas mulheres a dar à luz. Além disso, ela também foi “mãe de leite”, e quando se entendia que a mãe biológica “tinha leite fraco” e não sustentava a criança, outras mulheres amamentavam o bebê, fazendo assim o papel de mãe leite, já que o leite materno era indispensável. Diferentemente do papel de ama de leite comum às mulheres negras escravizadas, que eram obrigadas a deixar seus próprios filhos sem amamentação para alimentar os filhos nascidos das sinhás²⁵, ser mãe de leite entre mulheres negras traduz a colaboração de gênero entre as mulheres em suas comunidades, que se ajudavam nas várias situações e adversidades que atravessavam. Mãe Baratinha, além de tantas funções que exercia, era muito criativa e proativa. Ela tinha uma compreensão do seu universo cultural, enquanto povo negro.

Foi idealizadora e criadora do seu próprio afoxé com crianças do bairro, chamado Filhos de Zambi, onde ela confeccionava as roupas nas cores verde e amarelo, fazia os penachos de pena de galinha e ensinava as danças. Ela se divertia muito! Também mobilizava a comunidade e seus filhos e filhas de santo, gastava do próprio dinheiro e distribuía brinquedos para as crianças quando acabavam os ensaios do afoxé. Ela adorava um samba,

25 A figura da ama de leite foi um dos papéis principais e mais aberrantes da história colonial das mulheres negras tornadas escravas. As escravizadas negras ficaram conhecidas como mulheres que, devido ao seu porte físico e características raciais, poderiam dar o peito para os filhos dos senhores. Elas eram obrigadas a rejeitarem dar leite materno à sua própria prole, o que aumentava os índices de mortalidade entre as crianças escravizadas. Mas, a atuação das amas de leite não ficava limitada à casa dos senhores; na capital paulista, através de muitos anúncios jornalísticos da época, é possível saber que elas eram alugadas nos casos em que as mulheres estavam impossibilitadas de amamentarem seus próprios filhos (SILVA, 2016).



Mãe Baratinha com crianças no Alto do Rosarinho.

fazia parte do Samba de Roda da *Suerdieck*, criado e liderado por Dona Dalva Damiana, desde os tempos do trabalho na fábrica de fumo – por isso o nome do grupo de samba tem o nome da própria charutaria. Importante na formação da identidade dessas mulheres²⁶, o samba de roda era umas das grandes paixões da *Iyálórisà*, que não perdia uma apresentação do grupo e contribuiu muito com o seu desenvolvimento. Pela sua dedicação e

26 Em sua dissertação de mestrado, a cachoeirana Edjanara Mascarenhas (2016, p. 13) nos diz: “Não há como negar a grande relevância do tema ‘samba de roda’ para análise, pois, assim como as outras esferas da sociedade, a referida manifestação é reduto de afirmação de identidades. Identidades culturais e políticas, tomadas como um mecanismo necessário para o acompanhamento das mudanças histórico-sociais. Sendo assim, supõe-se que as categorias identitárias no samba de roda são uma façanha performática, desenvolvida a partir das necessidades sócio-políticas, perpassando por uma atuação e agenciamento dos papéis atribuídos aos gêneros. A manifestação do samba de roda no contexto do recôncavo da Bahia consiste num celeiro de riquezas e complexidades, que podem ser compreendidas como um espaço onde as categorias identitárias são construídas e reconstruídas, se tomadas a partir da lógica onde a cultura e seus aspectos são tidos como dinâmicos”.



Da direita para a esquerda: Dona Dalva, Mãe Baratinha, Creó, Dona Odete entre membros do Filhos de Gandhi.

valorização do samba de roda, e enquanto sambadeira, Mãe Baratinha foi convidada e se tornou madrinha do Samba de Roda Filhos de Nagô, da cidade de São Felix/BA. Pela sua trajetória e representatividade, enquanto mulher negra do Recôncavo, atuante em todas essas esferas, Mãe Baratinha recebeu inúmeros convites para compor a confraria secular de mulheres negras da Irmandade da Boa Morte. Ela tinha profundo respeito pela Irmandade, mas não aceitou nenhum dos convites, por achar que não tinha tempo livre para se dedicar, devido às grandes demandas que lidava cotidianamente. Ela dizia: “Fazer parte da Irmandade da Boa Morte requer muita responsabilidade e dedicação” e suas tarefas, enquanto *Iyálórisà*, mãe, esposa e demais atribuições lhe tomavam muito tempo.

Ela, ainda muito jovem, havia vivido com um homem, e não diferente das histórias de outras mulheres, encontrou muitos desafios nas relações que estabeleceu, sendo vítima de sexismo, como a maioria das mulheres negras. Ao chegar a Cachoeira para trabalhar, jovem e muito bonita, chamava a atenção dos homens pelo corpo robusto que tinha.



Mãe Baratinha em celebrações da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira- Bahia

Logo foi viver com um homem, que não passou a violentá-la de muitas formas. Ele era ciumento e possessivo, e até fome Mãe Baratinha passou vivendo ao seu lado. Não suportando essa situação, a *Iyálórisà* foi buscar ajuda com Senhor Benzinho (*in memorian*), o Senhor Jino Moreira. Ele ajudou-a a deixar a vida conjugal, levando-a embora definitivamente da casinha no mato onde vivia, nas imediações do Bitedô²⁷.

27 Local sobre o túnel do ramal da Central da Bahia (ferrovia), ou Morro da Capapina, como também era chamado. Em *O Poder dos Candomblés* (2009), Edmar Ferreira Santos apresenta a visão de Parés, que conclui que este morro seria um reduto de africanos de várias Nações Jejes, Nagôs, Gruncis e Hauçás em Cachoeira/BA. Na mesma pesquisa é sinalizado que no morro do Bitedô teriam sido plantados os primeiros fundamentos Jeje de Cachoeira.

Em seguida, com o auxílio de Senhor Jino, Mãe Baratinha, foi morar na Rua da Feira²⁸, e como forma de gratidão e consideração, ela deu a ele seu primeiro filho para batizar.

Outra pessoa muito lembrada por Mãe Baratinha, e que ela tinha muita consideração e agradecimento, era o Senhor Julião Gomes dos Santos²⁹, o prefeito na época, e que ajudava a *Iyálórisà* com o “carro” (caminhão ou caçamba) para ir à Roça do Portão todo ano, no período das obrigações do candomblé. Ela também dizia que era Seu Julião quem a isentava de pagar as taxas de registro das certidões de nascimento de seus filhos, além de sempre estar favorável a ela, naquilo que estivesse ao seu alcance. A Mãe de Santo, por gratidão, formava um bloco que saía pelas ruas gritando o nome dele em forma de música no período das eleições, para que ele permanecesse na gestão e continuasse a ajudá-la. Imagino o quanto, para um político em ascensão em Cachoeira, era importante a mobilização de uma mulher como Mãe Baratinha, sacerdotisa de candomblé, mãe de família, uma forte representatividade popular.



Foto da localidade do Três Riachos em Cachoeira-Bahia.

Fonte: Fotos Antigas do Recôncavo/Acervo Erivaldo Brito: facebook.com/fotosantigasdoconcavo/fotos

As complexidades que envolvia os direitos e a cidadania na época, atreladas à história colonial de Cachoeira, explicam muito relações como a de Mãe Baratinha e o prefeito Julião Gomes. Sabemos que aquilo que ele fazia por ela deveria ter uma dimensão política, na qual o papel de um governante nada mais é do que viabilizar a melhora da vida de pessoas socioeconomicamente vulneráveis, embora oportunizasse isso enquanto “caridade” e “boa fé”. A *Iyálórisà*, por sua vez, como uma mulher simples, humilde e muito digna, tratava de reconhecer e retribuir tudo de bom que lhe fizessem.

Nessa época, Mãe Baratinha já estava vivendo com um novo companheiro, e novamente voltou a sofrer os abusos da relação de poder exercida pelos homens, e dessa vez foi o caboclo Rei das Ervas que interviu no sofrimento dela, e não permitiu a união dos dois, pelas agressões que o homem cometia. O caboclo passou a chegar toda vez que o trem apitava e o homem voltava para casa, até que ele se cansou e decidiu ir embora de vez.

Passado um tempo, ela conheceu o Senhor Osvaldo Alves, apelidado de Didi, que se tornou seu companheiro e pai de seis filhos seus. Durante um período viveram muito bem, mas a relação com Seu Didi foi entrando em colapso devido aos vários problemas pertinentes ao machismo, sobretudo a solidão e a sobrecarga de criar os filhos, além dos vícios em álcool e jogo por parte dele, com isso a relação chegou ao fim. Os filhos da união com Senhor Didi foram: Jucinéia, Jiovar, João, Jakison, Jacira e Jovani. Mais tarde, com a convivência com o Senhor Gildásio da Paixão, apelidado de Seu Donga, Mãe Baratinha teve mais três filhos: Juciara, Jorlando e Jildá-

lia. No total, foram 23 filhos, sendo que esses nove filhos de Mãe Baratinha ficaram vivos, pois os outros 14 que ela gerou e veio a dar à luz morreram por complicações de saúde. Segundo ela, “Era um problema no sangue, que não deixava o feto se desenvolver. E quando conseguia, eles morriam perto de nascer ou depois de nascido”. As condições de vida da época sempre trouxeram dificuldades a mulheres como Mãe Baratinha, incluindo o acesso eficaz à saúde, médicos e direitos básicos, e isso explica o fato de ela mesma não saber ao certo o que causava as perdas e mortes dos filhos que gerava. Para a *Iyálórisà*, foi sua fé em *Òsùn* e sua promessa a Bom Jesus dos Navegantes que lhe concedeu a graça dos seus nove filhos vivos, ao qual ela havia prometido nomear todos com a letra “J”, em agradecimento ao santo.



Mãe Baratinha no centro da foto. Na esquerda a filha Jucinéia, hoje Ialorisá Neinha com a filha Jacira, neta de Mãe Baratinha no colo. No lado direito a filha Jacira, Egbomi Jacira de Xangô, com seu filho Val, hoje Ogã Val, neto de Mãe Baratinha no colo.

Sua filha mais velha, Jucinéia, apelidada de Neinha, ainda criança, aos sete anos de idade já era dona de casa, o braço direito de sua mãe. Tomava conta de seus irmãos e da casa, pois Mãe Baratinha saía para trabalhar. Neinha não tinha muito tempo para brincar, e em sua infância foi assumindo desde cedo as responsabilidades, ao lado de sua mãe, na tarefa de criar e educar seus irmãos, cuidar da casa e também adiantar os afazeres relacionados ao tabuleiro, para amenizar o cansaço de sua mãe que chegava do trabalho e saía para vender na rua. Ela exerceu a tarefa de cuidadora de crianças, para além de seus irmãos, ajudando a outras mulheres vizinhas no cuidado de seus filhos.

A vida difícil, resultante dos processos de desigualdades, recai na trajetória de vida de crianças negras, que comprovadamente iniciam a vida do trabalho e das responsabilidades familiares ainda cedo, muitas vezes, inclusive, sacrificando as chances de ir à escola.

Mãe Baratinha quase veio a perder sua filha Neinha, devido a um problema de saúde, e mesmo com muita dificuldade foram em busca de tudo que era preciso, além da fé, que era ao que Mãe Baratinha mais recorria. Então, por promessa feita a Cosme e Damião, todo ano, no aniversário de Neinha, a *Iyálórisà* comemorava com caruru, pagando a promessa que fez ao pedir pela melhora de sua filha, que para ela havia sido uma graça alcançada pelos pedidos aos santos gêmeos.

Mais tarde, Neinha se casou e foi viver sua vida fora de Cachoeira, mas sempre voltava para ver sua mãe, ajudando-a a conduzir seu candomblé. Neinha se consagrou uma importante Mãe de Santo da Nação Ketu, dando continuidade, como sua mãe, à salvaguarda do conhecimento de matriz africana e do culto aos *òrìsàs*.



Egbomi Neinha, filha biológica de Mãe Baratinha e filha de santo de Pai Nezinho de Ogum, atual Ialorisà do Ilê Irawo Ase Nanbucu.

A *Iyalórisà* Agba Neinha de Nanã, do *Ilê Irawo Asé Nanbuku*³⁰, em Juquitiba, no interior de São Paulo, é hoje uma importante autoridade do candomblé Ketu. Mãe Baratinha colaborou como pôde nas obrigações, junto com sua filha, a fim de conduzi-la na sua ascensão, enquanto *Iyalórisà*. Dizia que sentia muito frio na roça de candomblé em São Paulo, mas não se importava, pois queria estar perto de sua filha, que muito lhe ajudou em sua jornada de vida.

30 A *Iyalórisà* Neinha possui filhos por todo o Brasil. A festa da patrona do *Ilê Asé Irawo Asé Nanbucu* é muito conhecida e se tornou tradicional no estado de São Paulo. Em um país onde as grandes *Iyalórisàs* do candomblé são, em maioria, filhas de *Ôsùn*, Mãe Neinha desponta como a mais conhecida e eminente filha de Nanã, sendo uma renomada autoridade do candomblé.

Além de Neinha, outra filha de Mãe Baratinha se tornou *Iyálórisà*. Juciara, conhecida como Preta de *Òsógìyan*, que mais tarde foi escolhida para suceder sua mãe, no cargo de *Ìyálasè*, no *Ilé Kaiò*. A jovem Preta possuía uma subjetividade intensa, era uma típica pessoa que transpõe os padrões e assume sua própria vida. Sempre muito livre e incompreendida, Juciara era vista por muitos como desleixada ou irresponsável, um olhar socialmente construído que aprisiona os sujeitos em padrões idealizados, transformando a quem não se encaixa em pessoas “desviantes” e “esquisitas”. No entanto, Preta era ela mesma, sempre muito convicta e assertiva no seu jeito de ser e, na hora necessária, ainda que contrariando ou sendo contrariada, esteve junto à sua mãe, esforçando-se ao máximo no *candomblé*. Tornou-se um fenômeno brilhante nos atabaques³¹, dominando impecavelmente com seu irmão Jijil os diversos toques que compreendem a sonoridade do *candomblé*, aquilo que nos conecta com os *òrìsàs*.

Preta se tornou uma mentora no toque de atabaque, instruindo muitos *ògás* no aprendizado de tocar. Mais tarde, Preta de *Òsógìyan* se tornaria a respeitada *Iyálórisà* do *candomblé* Ketu na cidade de Cachoeira e na Bahia. Temos também a *Ègbón mi Jacira* de *Sàngó*, mais uma filha biológica e iniciada no Portão, por Senhor Nezinho, que foi uma das primeiras pessoas a receber um cargo ofertado por Mãe Baratinha no *Ilé Kayò*, mulher muito respeitada e que continua cumprindo suas obrigações e exercendo seu cargo com amor e dedicação.

31 De acordo com a maior parte das tradições do *candomblé* na Bahia, o tabu feminino ao atabaque consiste numa prática tradicional secular trazida ao Brasil pelos povos yorubanos. Em literatura mais recente se questiona se a interdição é mesmo de origem yorubana ou criada como parte da “tradição” dos povos de terreiro de valores coloniais concebidos no Brasil. Ver Rocha (2018).



Ialasê Juciara Paixão, Mãe Preta de Ôsôgiyan, filha biológica e sucessora de Mãe Baratinha no Ilê Kaiô Alaketu Asê Ôsún.

A maioria dos filhos e filhas de Mãe Baratinha é da religião de matriz africana. *Ègbón mi* Jaciara de *Sàngó*, *ògá* João de *Òsòòsì*, *Ègbón mi* Jildália de Nanã e Jiorlando de *Òsàlá*, sendo Neinha, Jacira e João, filhos de santo de Senhor Nezinho de *Ògún*, e Jildália, filha da *Iyálórisà* Cacho – filha e sucessora de *Babá* Nezinho. Juciara e Jiorlando foram os filhos iniciados por Dudu de *Sàngó*, no *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*. Apenas três, dos nove filhos de Mãe Baratinha, seguiram outra religião: Jiovana, Jackson e Jiovar, que ainda assim sempre mantiveram com a mãe uma relação respeitosa, sem divergência ou intolerância religiosa.



Foto de cerimônia para Marujo, com os filhos biológicos Juciara e Jiorlando (Preta e Jijil) no atabaque.

Um fato importante na trajetória dos filhos de Mãe Baratinha e na sua maternidade foi toda a generosidade e sabedoria com que os criou, mesmo na diversidade de suas escolhas e modos de ser, receberam de sua matriarca, em meio a todas as dificuldades, muita decência e dignidade. A *Iyálórisà* não

teve acesso à alfabetização, mas procurou oportunizar a seus filhos o que não teve, dando-lhes o máximo que podia para percorrerem caminhos melhores. À parte disso, mesmo não sendo alfabetizada, Mãe Baratinha era uma mulher muito inteligente, sábia e, em se tratando de números, não perdia para ninguém. Sabia se expressar e se comunicar, saindo-se sempre muito bem nas entrevistas e palestras que proferia. Era uma mulher criativa, cheia de habilidades. Muitas das ferramentas do seu *òrìsà* foram criadas por ela mesma, cada uma mais bonita que a outra, de muito bom gosto e requinte. Ela era diplomada em muitos saberes: parteira, estilista, artesã, arquiteta e, por fim, professora, pois ajudou no processo de aprendizado de todos nós. Mãe Baratinha aprendeu muito com seu Pai de Santo, ela preparava garrafadas com raízes, folhas e cascos de caules de plantas para vários tipos de problemas e enfermidades. Tinha um vasto conhecimento de plantas e ervas, além de saber e conhecer as *ewé* (folhas) apropriadas de cada *òrìsà*. Ela tinha muito conhecimento da medicina natural, na produção



Paramentas da Òsùn de Mãe Baratinha

de amassis (banhos de ervas), *efúns*³² e defumações. Todo seu conhecimento foi adquirido ao longo dos anos de dedicação e disciplina com a religiosidade, a partir da convivência com seu Pai de Santo em sua roça de candomblé, sempre comprometida e assídua com suas obrigações religiosas.



Foto sem data. Mãe Baratinha sendo entrevistada por repórter. A identidade do entrevistador também não foi recordada por nenhuma fonte atualmente.

32 Palavra originária do dialeto Jeje-Nagô para designar vários tipos de pós utilizados nos rituais afro-brasileiros.

Mãe Baratinha tratou de transmitir aos seus filhos e filhas todo o seu conhecimento, e dizia que o *rumbè* era uma importante postura a ser adotada para que houvesse aprendizado na religião. Um exemplo de transmissão dos saberes que possuía ocorreu com sua filha de santo Hilda de *Ológun Èdè*. Ela foi iniciada no primeiro barco de Mãe Baratinha, passou a viver entre a casa da *Iyálórisà* e a roça de *candomblé*, tornando-se uma grande auxiliar para Mãe Baratinha em todas as coisas, ocupando mais tarde o cargo de *Ìyá kèkeré*. Hilda chegou até a casa de Mãe Baratinha levada por sua cunhada, *Ègbón mi* Eliza. Foram para uma festa de *òrìsà*, e Hilda ficou da janela observando. Em um determinado momento da celebração, Hilda não viu mais nada, pois eu *òrìsà* “lhe pegou”³³. Tomada, adentrou o barracão e dançou 14 cantigas da entidade, como até hoje se comenta o assunto. Após muito dançar, o *òrìsà* a deixou caída aos pés de uma das *Ègbón mis* presentes no salão, quase debaixo da saia dela, *Ègbón mi* de *Òsàlá* da roça matriz do Portão, a saudosa *Ègbón mi* Lurdes (*in memorian*). Mãe Baratinha mandou prontamente falar com a mãe de Hilda sobre o acontecido, que permitiu que Hilda lá ficasse para se cuidar no *candomblé*, sendo assim iniciada pelas mãos da *Iyálórisà*, com a ajuda de sua cunhada Eliza. Hilda vinha apresentando diversos problemas que tinham ligação com questões espirituais. Teve um episódio de perder a visão, indo se tratar em uma casa de umbanda, porém, logo veio embora para Cachoeira, viver com sua mãe biológica, e então “virar no santo”³⁴ na casa de Mãe Baratinha. Hilda teve expressiva participação nas iniciações de filhos de

33 Expressão comumente usada para indicar a incorporação do *òrìsà* ou outra entidade.

34 Expressão comumente usada para incorporação do *òrìsà*.



Foto das celebrações dos 25 anos de Dofona Hilda no Ilê Kaiò Alaketu Asè Òsún.

santos posteriores ao longo dos anos no *Ilé Kaiò*, e também estava presente em praticamente todas as tarefas, trabalhos e obrigações realizadas no *Ilé Asè*. Ela adquiriu um denso conhecimento sobre sua religião, processos e características de sua Nação, e se tornou uma referência e autoridade do candomblé de Ketu. Além do conhecimento ritualístico, também foi aprendiz de praticamente todas as habilidades desenvolvidas por Mãe Baratinha, e se aprimorou naquilo que a *Iyálórìsà* mais apreciava, aprendeu a fazer o bordado que ela mais gostava, o richelieu, e dedicou sua vida à Mãe Baratinha, ao *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn* e aos *òrìsàs*.

Hilda se casou, porém permaneceu próxima a Mãe Baratinha, indo viver em uma casa no mesmo bairro, nas imediações da roça de candomblé. Teve uma primeira separação do seu companheiro e voltou a morar na casa de candomblé. Após algum tempo, reconciliou-se com o Senhor José Farias, assumindo os dois filhos que ele trazia de outro relacionamento, os quais ela adotou como seus. Nessa nova etapa, Hilda foi morar em Muritiba com sua família, mas não por muito tempo. Ela tinha medo de ficar sozinha com as crianças na ausência do marido, assim resolveram regressar ao Rosarinho, em Cachoeira/BA.

O marido de Hilda logo foi confirmado para *ògá*, com cargo dado por Mãe Baratinha, pois era um homem prestativo e muito ajudava no candomblé. Santo, como era chamado, entendia de muitos ofícios e, portanto, era um *ògá* muito presente. Hilda logo iniciou seus filhos no candomblé, que se tornaram filhos de Mãe Baratinha. Mãe Hilda, como hoje é chamada por ter se tornado uma *Iyálórìsà*, permaneceu

morando no Rosarinho, em uma casa própria, na subida da ladeira. Ela hoje tem seu *Ilé Asè Alákétu Omó Ode*, localizado no bairro do Tororó, em Cachoeira. Conserva-se fiel às tradições e hierarquias da Nação Ketu, é reconhecida por toda a comunidade do povo de santo da região como uma *Iyálò-risà* de grande sabedoria, herdeira dos ensinamentos de Mãe Baratinha, que deixou um profundo e grandioso legado aos filhos e filhas de santo, e alguns/as se tornaram zeladores dos *òrìsàs*, dando continuidade às tradições da Nação Ketu.

Mãe Baratinha era uma pessoa alegre e dizia não gostar de solidão. Sentia-se bem quando estava arrodada de filhos/as, netos/as e filhas de santo. Gostava de beber um copinho de cerveja, mas sempre com muito limite, pois volta e meia, se bebesse demais, Seu Marujo logo comparecia para beber em seu lugar. Nas tardes de domingo, ou quando havia momentos de lazer e descanso, ela se colocava no barracão e contava para nós, filhas de santo, sua história de vida, as coisas que



Mãe Baratinha jogando dominó, sua distração preferida, com seu neto.

passou em sua infância, as histórias de sua iniciação. Nesses momentos também ela nos passava muitos ensinamentos do candomblé, sendo uma sacerdotisa muito flexível para doar e compartilhar seus conhecimentos, e a todo tempo ela estava a nos ensinar alguma coisa.

Mãe Baratinha gostava muito da feira livre, adorava ir fazer suas próprias compras, e por lá era aquela “arrelia”³⁵, ela brincava, pechinchava com os feirantes, e todos já conheciam a *Iyálórisà*.

Ela era uma mulher muito popular, que todos e todas gostavam. Adorava cozinhar, fazer vários tipos de comida, aquelas comidas “bem pesadas”, tipicamente baianas, e tinha uma verdadeira loucura por “uma boa moqueca de peixe” e também galinha ao molho pardo.

Quando Mãe Baratinha se abatia, se zangava ou se chateava ela ficava muito brigona e seu mau humor era sentido por todos e todas. Era raro acontecer, mas no dia que acontecia, “Ai, sai de baixo!”, ela dizia, “Tô retada hoje!”, falava e reclamava muito, enquanto todos e todas ouviam de cabeça baixa. O tempo da sua irritação durava até desabafar ou resolver a questão que a deixava nervosa. Aí era quando, como se nada tivesse acontecido, se botava a jogar baralho ou dominó, seu passatempo preferido. Netos, *ògás*, amigos ou qualquer um que soubesse jogar não escapavam dela, que era muito esparta no jogo! Tinha muitas habilidades com jogos de matemática e raciocínio lógico, muitas vezes dando os resultados certos antes mesmo do fim da soma.

35 Substantivo de uso popular com variados sentidos, sendo sinônimo de adjetivos como chatice, agonia, pressa, irritação etc. No sentido aqui empregado, o substantivo quer denotar graça, descontração, agitação.

Exatamente no ano 2000, na virada do século XX para o século XXI, Mãe Baratinha completou 70 anos de santo, de iniciação a *Òsùn* e ao *candomblé*. Foi feita uma comemoração muito bonita, com a participação de muitos irmãos e irmãs de santo, amigos e amigas, parentes e parte dos familiares do seu Pai de Santo Nezinho, como a *Iyálórìsà* Cacho, sucessora no *Ilé Asè Ìbésè*. Mãe Baratinha ficou muito feliz e radiante nessa festa, especialmente por ter reunido tantos filhos e filhas, tantas pessoas e autoridades importantes do povo de santo. Ela se empenhou muito para que tudo fosse bonito para os *òrìsàs* e convidados.

Foram muitas homenagens nesse dia, entre a missa de ação de graças pela manhã, acompanhada de uma grande surpresa planejada pelos filhos e filhas de santo, além de amigos e amigas, onde cada um se apresentou com uma lembrança, ao som dos atabaques e muita música. Foi uma linda celebração, seguida de um café da manhã e a continuidade das obrigações. À noite, tivemos a festa de *Òsùn*, e tudo estava sendo arrumado e decorado para o grande momento, com a participação dela em todos os detalhes, ao meu lado, que sempre levei jeito e estive encarregada da função de arrumar e decorar o barracão e os quartos de santo nas obrigações e festas. *Iyà Mi Òsùn*, que encantava a todos e todas, fechou a festa com chave de ouro!

Era uma *òrìsà* muito bonita, quem a viu afirma que *Òsùn* era esplendorosa! A beleza de seus movimentos está guardada na memória, ela dançava com seus trajes e joias que brilhavam! Era uma *òrìsà* muito reverenciada pela sua energia e *asè* quando estava em terra. No dia seguinte, após o encerramento da



Orisà Òsùn de Mãe Baratinha.

última festa do òrìsà principal do Ilé – a òrìsà Òsùn da *Iyálò-risà* –, no domingo tivemos o dia todo de obrigação.

A saída do Mandú³⁶, ritual que pertence ao conjunto de obrigações do Ilé Asè, parece muito mais uma brincadeira, diversão e festividade para as pessoas da rua, embora exista um fundamento³⁷ dessa obrigação, que tradicionalmente é cumprida em nosso calendário de festas.



Mandú do ano 2019 do Ilê Kaiò Alaketu Asè Òsùn no Alto do Rosarinho

O Mandú costuma sair pelas ruas da cidade, visita as pessoas de candomblé e amigos e amigas que são considerados

36 Diz a lenda que o Mandú, personagem do folclore baiano, surgiu da história de um casal que vivia brigando. Em uma das brigas, o marido rogou uma praga para que sua mulher grávida tivesse um filho com as pernas tortas. E assim foi. Eles tiveram três filhos com defeitos e foram morar no mato, envergonhados. No dia da festa de *Yemonjá*, eles foram às ruas vestidos de tal maneira que não fossem reconhecidos. O Mandú folclórico é uma releitura do Mandú, um espírito sem luz, ainda não em estado de evolução. Nos rituais de *Babà Egungun*, espírito ancestral de pessoa importante, os Mandús têm autorização para participar do culto. Essas e outras histórias são cheias de mistério, onde o mais importante é a sabedoria, que convive com o não saber, algumas vezes.

37 A obrigação do Mandú nos candomblés brasileiros parece ser reminiscência do culto à *Egungun* da África Yorubana, que está relacionado aos ancestrais e é um dos mais difundidos por toda população *Yorubà*.

da linhagem familiar. Percorre o trajeto ao som de folguedos e atabaques, enquanto são entoadas várias cantigas. Atrás do Mandú seguem os filhos e filhas de santo da casa e todos aqueles/as que desejam acompanhar sua passagem. O dia do Mandú é festejado com muitas brincadeiras do lado de fora do barracão (quebra pote, pau de sebo, galinha gorda) e o samba, e todos na comunidade se agregam para sambar. A obrigação do “Tabiopeu”³⁸ acontece ao anoitecer, e em seguida é distribuído o tradicional cozido³⁹ de *Òsùn*, servido para filhos e filhas de santo e para a comunidade. Ao fim da obrigação, segue-se o samba na porta de *Òsùn*, liderado tradicionalmente pelo filho de santo de Mãe Baratinha, Gilmar de *Òsányìn* e demais *Ègbón mis*.

Era Mãe Baratinha quem conduzia seus rituais. Ela tinha um formidável conhecimento e desenvoltura com a língua *Yorubà*. Era uma mulher sobrecarregada, porém de muita energia e força espiritual, e aquilo emanava para todos e todas à sua volta, pois, ainda que cansados/as dos longos dias de trabalho e obrigações, à noite, nas festas, a alegria era muito importante para ela. O Rum⁴⁰ aos *òrìsàs* dos seus filhos e filhas de santo, irmãs e amigos da religião era entoado por ela, que tinha total conhecimento do vasto repertório das cantigas de Rum dos *òrìsàs*. Ela sabia cantar para todas as Nações: Angola, Jeje, Nagô e Ketu, porém, sempre dizia que “A mudança é

38 Tanto o Mandú quanto o ritual do Tabiopeu são obrigações realizadas apenas por terreiros da Nação Ketu, como o Ilé Ibécé, de Pai Nezinho, e o Ilé *Asè Mecê Alákétu Ògún Onirê*, de Babá Leopoldo, ambos em Governador Mangabeira. Em Salvador, a tradição é mantida pelo Gantois.

39 Comida feita com verduras, carnes e pirão de escaldado.

40 Cantigas de rum, de orô ou de fundamento: entoadas quando os *òrìsàs* já se manifestaram. Repertório com o qual se tem um zelo especial, pois podem despertar o orixá nos adeptos.” (FONSECA, 2006, p. 7).

nas palavras, mas a cantiga significa coisas muito parecidas, assim como o toque dos atabaques”. Para ela, todas as Nações, ainda que em suas peculiaridades, serviam ao mesmo propósito de cultuar aos *òrìsàs* e às divindades ancestrais.

Mãe Baratinha sempre dizia para nós que o candomblé não era só colocar uma saia bonita na cintura e dançar, ou seja, não bastava se preocupar em estar deslumbrante na sala em dia de festa, era fundamental ter amor, muito amor e respeito ao *òrìsà* de cabeça e a todos os outros *òrìsàs* do nosso panteão. O respeito, segundo ela, correspondia a todo sacrifício e dedicação que empregamos na religião, sobretudo nos tempos de obrigações, onde se deixava conforto e comodidade de lado para se entregar ao resguardo e ao trabalho.

É importante destacar que o conhecimento adquirido por Mãe Baratinha, a partir da sua dedicação ao candomblé, era tão notável que ela desenvolveu uma potencialidade holística em intuir as situações e problemas de um/a cliente que viesse procurá-la. Antes mesmo de jogar os búzios, ela já estabelecia um diálogo sobre suas impressões, ao estar na presença da pessoa. Todo esse potencial era repercutido, e ela passou a ser uma Mãe de Santo muito procurada.

Mãe Baratinha foi uma mulher muito homenageada, recebeu placas, títulos e muitos presentes pelos quais ela tinha muito cuidado e apreço. Quando um presente era para o uso pessoal, ela fazia questão de logo usufruir. Adorava um brilho e roupas africanas. Fazia jus ao fenótipo de uma filha da *òrìsà* *Òsùn*. Era muito jovial, simpática e risonha. Ainda que idosa, ela aparentava muita jovialidade. Viajava por todo o Brasil, não tinha medo de transporte algum. Sempre comunicativa

e com seu jeito meigo conquistava a todos por onde passava. Até as aeromoças, quando viajava de avião, queriam tirar foto com ela ao desembarcar.

Uma particularidade sobre Mãe Baratinha era o seu interesse por bonecas. Ela as adorava! Dizia que sempre gostou de bonecas, mas na infância sua mãe não tinha condições de compra-las, então esse desejo ficou internalizado, e ela o realizava, ainda que na idade adulta. Ela sempre comprava uma boneca que gostava e também ganhava de presente daqueles/as que conheciam sua história. Em seus 78 anos, na festa dos 70 anos de santo, a *Iyálórisà* Mara de *Ògún*, conhecida por Mãe Mara de Muritiba, presenteou-lhe com uma linda boneca, e Mãe Baratinha ficou muito feliz! Suas bonecas eram guardadas em seu quarto, com muito zelo, e serviam para enfeitar sua cama.

Como nada é por acaso, e isso é sabedoria, não foi à toa que Mãe Baratinha construiu sua casa de candomblé no Rosarinho. Ela dizia que sua casa foi adquirida contando com muita ajuda de um *ògá* de *Òsòdsì*, um filho de sua roça, o *Ilè Ìbésè Alákétu Asè Bàbà Ògún Mèjéjé*, e compadre de Mãe Baratinha, Senhor Nequinho do Monte (*in memorian*).

Ele e sua esposa Dedé de *Òsún*, ambos filhos de santo de Senhor Nezinho, eram muito amigos de Mãe Baratinha, além de irmãos de santo, e lhe ajudaram na compra da casinha que estava à venda no Rosarinho, que veio a ser o baracão do *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*. Senhor Nequinho teria viajado para o Estado de Goiás e trazido da capital muitos fios bonitos de conta de *òrìsàs*, que Mãe Baratinha ajudou a vender. E por várias vezes ela ia para o Monte com seus

filhos ajudar Senhor Nequinho com o seu ofício na época, a venda de linguiça de porco e outras carnes. Era um ajudando o outro, então eles também a ajudaram nesse momento tão importante, quando ela adquiriu sua casa.

Na época em que Mãe Baratinha conheceu o Rosarinho, no pé da ladeira como ela falava, tinha uma grande porteira, onde ficava o antigo Currais Velhos, território da Recuada. Atualmente, o bairro é considerado um espaço histórico e turístico da cidade de Cachoeira, por abrigar construções arquitetônicas coloniais, tombadas pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e por ser reduto da religiosidade de matriz africana, o candomblé. O bairro possui duas outras casas de candomblé, além do *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*, o Terreiro Guarani, da Nação Angola, fundado pela Mameto Madalena (*in memoriam*) e o *Ilè Asè Ògún Xorokê Ibsen*, casa de santo de matriz africana de Nação Jeje, da *Iyálórisà* Roquelina.



Igreja Nossa Senhora do Rosário

Foto extraída da página Fotos Antigas do Recôncavo: <https://www.facebook.com/fotosantigasdoreconcavo>.

O Rosarinho também é o território do Cemitério dos Negros⁴¹, e outras missões aguardavam Mãe Baratinha. José Maria Belchior (Zé de Brechó) e seu irmão Antônio Maria Belchior (Salacó) eram considerados os maiores feiticeiros que existiram no Recôncavo. Eram homens pretos pertencentes a uma elite negra da cidade. Sabiam ler, possuíam patrimônio e, embora tenham vivido no período escravocrata, foram homens libertos. Zé do Brechó foi um homem de negócios e assumiu muitos cargos na esfera política. Segundo o estudo do antropólogo Luís Nicolau Parés (2007, p. 190).

José Maria de Belchior (Zé de Brechó) foi um crioulo de maior proeminência política, intelectual e econômica da cidade no período. Zé de Brechó é um personagem lendário entre a comunidade cachoeirana, com a fama de ter sido um temido “feiticeiro” que “podia matar em 24 horas”.



*Cemitério dos Negros, Alto do Rosarinho.
Local onde, atualmente, se encontra o túmulo de Mãe Baratinha*

Fundador da mais antiga casa de candomblé da Nação Jeje na região, é ele o responsável pela fama que acompanha Cachoeira até a atualidade, enquanto “terra do feitiço” e “cidade da macumba”. Para os descendes dos africanos escravizados no Brasil, esses dois homens negros são figuras muito importantes para a história do povo negro e do povo de santo de Cachoeira, assim como as empoderadas mulheres de Partido Alto que pertenceram e influenciaram setores políticos e econômicos responsáveis por diversas conquistas e enredos de protagonismo, como as Irmandades, por exemplo.

Como Membro da Irmandade dos Nagôs, instituição que construiu a Igreja do Rosarinho e o Cemitério dos Pretos, Zé do Brechó foi enterrado neste cemitério no ano de 1902, quando faleceu. O cemitério, desde a sua construção, tornou-se o local onde eram enterrados africanos e negros descendentes de alto poder aquisitivo e pertencentes ao candomblé, e fica bem próximo ao *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*, no Alto do Rosarinho.



Foto antiga da Lateral da Igreja Nossa Senhora do Rosário
Foto extraída da página Fotos Antigas do Recôncavo | <https://www.facebook.com/fotosantigasdoconcavo>.

Mãe Baratinha, certa vez, teve um sonho muito significativo. Sonhou que os dois irmãos, Zé do Brechó e Salacó, pediam que ela fizesse o ritual de Axexê que “ficou faltando” de ambos, e que “eles queriam”. Na manhã seguinte, ela chegou à casa de candomblé “esbaforida”⁴² e muito impressionada, contando a Hilda sobre tal sonho. Mãe Baratinha, muito confiante no sonho como uma maneira de comunicação com o sagrado, consultou os búzios e providenciou tudo para honrar o pedido feito por Zé do Brechó e Salacó, seus “irmãos negros”.

A obrigação foi feita no próprio Cemitério dos Nagôs, o que nos fez imaginar que tenha sido como eles pediram, ou então como ela viu que deveria ser feito, pois nada nos explicou sobre isso. Mãe Baratinha também era uma mulher muito católica, o que era muito comum, devido a todo o histórico colonial. Não perdia um “cortejo”, como ela falava, da procissão de Nossa Senhora da Boa Morte. Fazia questão de se trajar como uma mulher negra de autoridade religiosa. Também era muito devota de Nossa Senhora da Conceição, e em seu barracão construiu um altar para homenagear seus santos católicos, onde eram realizadas missas e cantorias das ladainhas em louvor a Nossa Senhora da Conceição, São Cosme e São Damião, Santo Antônio e São Roque, quando era o mês e a data de cada um deles.

Em junho eram realizadas as rezas para Santo Antônio. Treze noites divididas com seus filhos e filhas de santo, amigos e amigas, compadres e comadres e muitos comes e bebes. No mês de agosto era a vez de São Roque, e no mês de setem-

42

Palavra que quer dizer ofegante.

bro, além de São Cosme e São Damião, também era celebrada Nossa Senhora da Conceição. Mãe Baratinha respeitava todas as religiões e recebia a todos e todas com muita atenção e diálogo. Era tão ecumênica e respeitosa às outras religiões, que aceitava o convite de seus filhos protestantes para alguns cultos na Igreja. Porém, era muito firme quanto à sua religiosidade e não aceitava ofensa ou intolerância ao candomblé.

A fatalidade: o falecimento de Mãe Baratinha

A *Iyálórisà* era portadora de diabetes. A enfermidade se agravava a cada dia e foi preciso levá-la para a cidade de Feira de Santana, a fim de que ela realizasse exames e um acompanhamento mais minucioso. Ela precisou ficar internada no Hospital Clériston Andrade, mas na manhã do dia 18 de outubro de 2004, por volta das 8 horas da manhã, numa segunda-feira, Cachoeira e a Bahia perderam a *Iyálórisà* Galdina Silva, Mãe Baratinha de *Òsún*, que faleceu aos 82 anos de idade.

A morte foi caracterizada devido às consequências que a diabetes trouxe ao longo dos anos, já que teria sido diagnosticada cerca de 11 anos antes de sua morte, porém, teimava muito para seguir as ordens médicas, que incluía dietas pertinentes ao seu estado de saúde.

Por ser forte, proativa e aparentemente assintomática, ela não se preocupou tanto, embora a diabetes estivesse ali, silenciosamente agindo e fragilizando-a.

Seu corpo foi transferido para Cachoeira, para sua casa de candomblé, causando muita comoção na comunidade e para o povo de santo da cidade. Foi recebida pelos *òrisàs*, amigos e amigas,

filhos e filhas de nascença e de santo. Mãe Cacho, sua *Iyàlasè*, que já aguardava a chegada do corpo, deu início aos rituais necessários, entre gritos, lamentos e muita dor de quem a amava. A morte, ainda que haja uma compreensão mística, e nossos antepassados nunca morram para nós, por conta da perda e separação do ente querido, causa um sentimento dolorosamente incompreendido, e assim foi a perda de Mãe Baratinha. *Iyàs, Babàs, Ègbón mis, Ògás, Ekéjis, Ìyàwós*, filhos/as, netos/as, amigos/as, vizinhos/as, todos os presentes estavam inconsoláveis. Havia muitos *òrìsàs*, alguns queriam até abrir o caixão que guardava o corpo da *Iyálórisà*.

Seguindo as tradições da religião da Nação Ketu, depois de algumas horas foram abertas as portas e janelas do barracão, para que todos e todas pudessem prestar as últimas homenagens à Mãe Baratinha, e fizemos tudo como ela queria. Sua vontade proclamada em vida era que fossem colocadas várias mesas para que jogassem baralho e dominó durante todo seu velório. Ela não queria tristeza, o que era muito difícil de conter.

Durante toda a noite e a madrugada chegavam pessoas para prestar seus sentimentos. Autoridades religiosas de vários lugares compareceram. Gente muito simples de Cachoeira também veio homenageá-la, com sentimento sincero de gratidão e muito reconhecimento. Ao amanhecer, por volta das 5:30 horas da madrugada, caiu uma garoa fina, que muitas pessoas afirmaram que foi apenas no Rosarinho, e mais em nenhum lugar da cidade.

Após a realização da missa, foram feitas as obrigações finais para a saída do cortejo fúnebre. Às 11 horas da manhã, no dia 19 de outubro de 2004, o corpo saiu do barracão de

candomblé, descendo a ladeira do Rosarinho pela última vez, sendo carregado pelas mãos dos seus Ògás e netos. Um imenso cortejo de òrìsàs à frente do caixão abria caminho, jogando pétalas de flores e algumas comidas pertencentes aquele momento. Uma multidão de pessoas pelas ruas acompanhou o trajeto fúnebre de uma das mais importantes *Iyalórisàs* da cidade de Cachoeira, do Recôncavo e da Bahia.



Saída do corpo de Mãe Baratinha do Ilê Kaiò Alaketu Asè Òsún no Alto do Rosarinho.

Seu corpo foi inicialmente enterrado no Cemitério da Piedade, em Cachoeira, e sete anos depois foi transferido para o Cemitério dos Nagôs, no Alto do Rosarinho. Na mesma noite foi arriado o Axexê no barracão de Mãe Baratinha, sob o comando de Mãe Cacho. Os rituais de Axexê, para alguém da hierarquia de Mãe Baratinha, além de atos de despedida, são muito importantes para a inserção na nova vida, no “outro mundo”, o Orum.

Filhos do *Ibécé Ògún* estiveram presentes e das demais casas de candomblé. Foram sete dias de rituais, mesmo com toda dor, tristeza e saudade que já apertava nossos corações, lá estávamos todos e todas juntos, desatando os laços dos mortos com

os vivos, salvando *Babà Egungun*. No dia 24 de outubro de 2004 foi realizada a missa de sétimo dia, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte. Nesse dia, após a missa, retornamos para a casa de candomblé para o fechamento dos últimos rituais necessários e, em seguida, selamos as portas do *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*.



Cortejo fúnebre de Mãe Baratinha, “a cortina branca”, com a presença de autoridades do candomblé, filhos e irmãos de santo, familiares amigos e vizinhos.

O luto durou um ano, que também serviu para todos os filhos e filhas de santo, que deveriam vestir branco no decorrer desse período de enlutamento. Mãe Baratinha nos deixou grandes lições, profundos conhecimentos e um legado imaterial que jamais será apagado. Ela foi uma mulher negra simples, humilde e, como ela mesma decifrava, “A humildade não é posição do corpo, nem do tom de voz, mais sim uma posição de espírito, que sabe o que é e o que pode fazer, não precisa manifestar-se aos outros, vale para si mesmo!”. Mãe

Baratinha nos falava muito que a riqueza que queria era que os *òrìsàs* lhe dessem força para trabalhar pela religião, colocar a mão no *Orí*⁴³ dos outros e não deixar ninguém pior do que já era. “Eu não peço forças para fazer feitiço para matar ninguém, eu só quero forças para trabalhar no *candomblé*. Até o dia que for minha hora, eu estarei aqui fazendo isto!”.



Enterro de Mãe Baratinha no dia 19 de Outubro de 2004, no Cemitério da Piedade em Cachoeira- Ba.



Santinho de falecimento de Mãe Baratinha

A sucessão de Preta de Òsógìyan e a reabertura das portas do Ilé Asè

Um ano depois da morte Mãe Baratinha foram realizadas as obrigações de reabertura do *Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn*, conduzida pela sucessora, *Iyàlàsè* Juciara Silva da Paixão, Mãe Preta de *Òsógìyan*, abrindo-se as portas e janelas. Para as obrigações de reabertura, a casa de *candomblé* contou novamente com Mãe Cacho e demais *Ègbón mis*, que entregaram⁴⁴ o cargo do *Ilé Kayò* a Mãe Preta, que assumiu o legado

44 Na Nação e tradição Ketu oriunda do *Gantois* não existe a cerimônia do *Dekar*, e a posição de *Iyàlòrìsà* e *Bàbálòrìsà* é constituída mediante aos anos de iniciação e obrigações/bichos de quatro pés arriados aos *òrìsàs*.

e as obrigações aos òrìsàs do Ilé e da Òsùn de Mãe Baratinha. Iyàlàsè Preta não esperava tamanha responsabilidade nas



Yalàsès da nação Ketu: Cachô do Portão e Preta do Ilê Kaiô.

mãos, algo transformador em sua vida, tendo que abdicar e mudar muitas coisas, deixando para trás sua casa em São Paulo, onde já morava há alguns anos. Hoje, Mãe Preta, como é conhecida, mora em Cachoeira, no bairro do Rosarinho, em sua própria casa, deixada por sua Mãe Baratinha, dedicando-se ao Ilé Kayò e aos òrìsàs, dando assim continuidade às obrigações tradicionais de sua casa. Iyàlàsè Preta se tornou uma referência do candomblé Ketu no Recôncavo da Bahia, uma liderança política e religiosa para o povo negro e povo de santo de Cachoeira. O Ilé Kayò Alákétu Asè Òsùn permanece vivo e preservado, formando novas gerações de filhos e filhas de santo, agora de Mãe Preta de Òsógìyan. Alguns Ègbón mis, Ògás e Ekéjis, filhos e filhas de santo de Mãe Baratinha, permanecem no Ilé Asè, contribuindo e zelando pelo legado da

casa, que hoje é considerada uma das mais importantes casas de matriz africana da Nação Ketu no Brasil.



Mãe Preta no Ilê Kaiô.

Referências

FONSECA, Edilberto José de Macedo. “... Darrum ao Orixá...”: ritmo e rito nos Candomblés Ketu-Nagô. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 101-116, 2006.

LIMA, Vivaldo da Costa. O conceito de “nação” nos Candomblés da Bahia. **Revista Afro-Ásia**, n. 12, p. 65-90, 1976.

MASCARENHAS, Edjanara. **“Corre a roda mulher, corre a roda, o homem não sabe correr. Corre a roda mulher, corre a roda, a vida do homem é beber”**: identidades e performances de gênero nos grupos de samba de roda “Filhos do Paraguai/Segura Véia” e “Filhos de Dona Cadú”. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.

NASCIMENTO, Luíz Cláudio Dias do. **“Terra de macumbeiros”**: Redes de sociabilidades africanas na formação do Candomblé Jeje-Nagô em Cachoeira e São Felix – Bahia. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PARÉS, Luís Nicolau. **A formação do Candomblé**: história e ritual da Nação Jeje na Bahia. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando; SOUZA, André Ricardo. Candomblé de Caboclo em São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo (org). **Encantaria brasileira**. O livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 120-145.

ROCHA, Sanara S. No candomblé mulher toca! A tradição reinventada. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE CULTURAS, 4. Cachoeira, 2018. **Anais** [...]. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/ROCHA-Sanara-S..pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

RODRIGUES, Maria da Paz de Jesus. **Caminhos da preservação**: políticas, patrimônio material e reflexos nas dinâmicas social e urbana de Cachoeira – BA. 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos Candomblés**: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer charutos**: uma atividade feminina. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SILVA, Roberto Robson. A presença das ama-de-leite na amamentação das crianças bancas na cidade de São Paulo no século XIX. **Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 297-322, jan./jun. 2016.

VELAME, Fabio Macêdo. **Arquitetura da Ventura**: os terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

Sobre Mãe Baratinha

Nome completo: Galdina Silva

Naturalidade: Muritiba

Nacionalidade: brasileira

Pai: André Ribeiro da Silva

Mãe: Maria Ana da Silva

Estado civil: casada

Profissão: capiadeira de fumo

Apelido: Baratinha

Signo: gêmeos

Cor: negra

Olhos: pretos

Altura: 1,60 m

Time: Bahia

Hobby: jogar baralho e dominó

Comida preferida: moqueca de peixe

Cor preferida: amarelo ouro e azul

Qualidades: amiga e muito humilde

Gosto musical: samba de roda e seresta

O que mais gostava de fazer: cuidar dos òrìsàs

O que mais detestava: ser enganada, falsidade

Formação religiosa: Sacerdotisa Afro-Brasileira/

Candomblecista

Iniciação Religiosa: *Ilé Ìbèsè Alákétu Asè Bàbà Ògún Mèjéjé* –

Roça do Portão, Governador Mangabeira/BA

Formação: não alfabetizada

Diversão: se reunir com seus filhos de santo aos domingos

Frases:

“Nasci para ser zeladora dos Òrìsàs e vou cumprir até o fim da minha vida.”

“Òrìsà é o meu destino, meu destino é zelar os Òrìsàs. Um amor incondicional.”

Dialetos de Mãe Baratinha

Essas são algumas palavras e expressões que Mãe Baratinha gostava de falar do seu jeito, e que hoje quase não escutamos mais. Cada palavra que me recordo traz uma lembrança e uma saudade imensa dela.

Ìyámorò

ADIANTE: mais à frente, logo ali.

AGRADO: presentear, dar um presente para alguém.

ARUANDA: salão próprio de dança para os òrìsàs.

BARDE: balde.

COLOCOCO: pessoas falsas.

CUMBÁ: entre os seios.

CURADOR: zelador dos òrìsàs, Bàbálórìsà, Pai de Santo.

DANOU-SE: quando alguém se aborrece, está irritada.

DESAFORADA: ousada, atrevida.

ESCABRIADA: pessoa tímida.

ESCALDADO: comida feita com água quente e farinha de mandioca, acompanhada de verdura e carnes.

FARINHA POUCA, MEU PIRÃO PRIMEIRO: ser o primeiro a comer quando o alimento é pouco.

LIDA: trabalho.

MALAMBA: comida feita com quiabo cortado em roda e carne em cubinhos, bem temperada, e leva azeite de dendê.

NADIVINHA: colocar comida no tempero por algumas horas, antes de cozinhar.

NEGRADA: grupo de negros.

O DIABO NA CASA DE FARINHA: brigar por algo ou com alguém.

PARMEIAR: bater palma.

PATENTE: dona da situação.

PILERIAR: brincar ou fazer brincadeiras com alguém.

POLIFICANÇA: implicar com alguém.

PRINCIPIAR: começar algo.

REDE: cama de balanço feita de pano artesanal.

TARIMBA: cama.

UM CÃO DANADO, TODOS A ELE: é quando tudo que acontece é sempre a mesma pessoa a culpada.

*Tudo no princípio são flores:
quando se conhece o indivíduo,
no início é uma coisa,
ao passar do tempo, tudo muda.*

Depoimentos

Os depoimentos presentes aqui são de pessoas que não apenas conheceram Mãe Baratinha, mas conviveram com ela ao longo de sua vida, participando de sua história. São pessoas que, de alguma forma, ajudaram a *Iyálórisà* em sua caminhada de vida, como Dona Dalva (a líder do Samba de Roda da *Suerdieck*), Dona Odete, *Ègbón mi Bem*, *Ègbón mi Lourdes*, *Ègbón mi Roxa* e Seu Donga. Além deles, seguem depoimentos de Mãe Cacho e Mãe Kissasse, importantes lideranças do candomblé na Bahia, que conheceram e reconheceram a dimensão da importante *Iyálórisà* Baratinha de *Òsùn*. Tais depoimentos contaram com a colaboração do *Ògá* Emanuel Luis Roque Soares, filho da *Iyàlàsè* Preta de *Òsògìyan*.

Dona Dalva Damiana

Minha convivência com Baratinha foi muito boa. Ela era alegre, amiga, mulher disposta na alegria e na tristeza, uma pessoa que compartilhava. Minha amizade com ela foi de longa data, através do samba de roda. A gente ia pra qualquer lugar, ela pegava os filhos, arrumava e todos acompanhavam a gente em qualquer coisa que a gente fazia. Ela tinha muita confiança em mim, assim como Donga, e quando brigavam, viam logo me procurar, e eu ia lá jogar água na agonia. Donga tinha muito ciúme de Baratinha, mas me respeitava.

Baratinha começou com uma sessão de mesa branca, na casa de Odete e Seu Martins. O caboclo queria trabalhar e começou ali, na casa de Odete, porque Donga não queria sessão na casa dele, aí ela foi pra casa de Odete e Martins. Teve vez que fez sessão lá na casa de Creó e até lá em casa ela fez também. Donga com o tempo foi aprendendo que com o vento não se brinca e ia acabar perdendo Baratinha, então foi aceitando. Com o tempo, foi minha filha Lucidalva que veio de lá me dizendo que tinha dado um bori para se iniciar no candomblé. Luci foi a primeira filha de santo a chegar à casa de Baratinha e depois veio a fazer parte do primeiro barco. Então, eu fiz e faria minha filha de novo, porque deu tudo certo, e com muita luta e fé ela venceu em tudo.

Ègbón mi Roxa (in memorian)

O que eu tenho para falar de Baratinha, minha comadre, são coisas boas. Não magoou ninguém, muito brincalhona,

era uma boa pessoa, boa pra todo mundo. Sou filha de santo da mesma casa de Baratinha, filha de Senhor Nezinho de Ògún. Sou filha de lá com muito prazer. Quando cheguei na roça eu era pequena e Baratinha já estava com vinte e cinco anos na casa dele, era adulta e já tinha Neinha de filha. A minha convivência com ela foi muito boa, havia muito respeito, amizade, e ela dava muitos conselhos. Quando chegou o tempo da casa dela, eu ia muito lá, ela tinha muito cuidado com os òrìsàs, e principalmente com Òsún. Adorava um brilho, um enfeite. As festas eram sempre muito bonitas e as pessoas muito bem tratadas. Depois que ela faleceu, continuei indo pra casa dela, depois que reabriu, e sempre que eu puder vou reverenciar Òsún. Sinto muita falta dela lá na Roça do Portão, todos sentem, mas foi a vontade de Deus e temos que aceitar.

Ègbón mi Odete de Òsún (in memorian)

Eu conheci Baratinha menina, e ela já tinha sido feita na casa de Pai Nezinho, no Portão. Eu fazia sessão de mesa branca na minha casa e ela sempre acompanhava minhas sessões, e toda vez que ela estava, o caboclo dela pegava. Das primeiras vezes que ele pegou ela, foi em sessão lá em casa. O caboclo dela trabalhava muito com meu caboclo Boiadeiro. Ela foi dando sessão também na minha casa, às vezes na casa de Creó ou de Dalva, mas até que ela passou a dar na casa dela, e aí foi crescendo e ganhando fama, ficando melhor, chegando gente. O caboclo exigiu que tivesse atabaque, aí a gente providenciou, e juntava Zé Pequeno, Zé de Zuza, Moitó e era aquele samba pra Rei das Ervas. E assim, passado

um tempo, Baratinha botou seu primeiro barco de filhos de santo, depois o segundo, o terceiro e assim por diante. Eu ali, junto com ela, fiel com minha irmã e comadre.

Eu fui trabalhar na *Suerdieck* através dela, ela trabalhava lá primeiro. E mesmo trabalhando, ela continuava cuidando dos *òrisàs*, até que eles deram força pra levantar e melhorar a casa dela. Tinha vez de ela sair do armazém de fumo 5 horas da tarde e subir andando pra roça de meu Pai Nezinho, já cansou de acontecer isso, chovesse ou fizesse sol. Eu e ela montava acampamento debaixo da jaqueira, de dia e de noite, dormia no quartinho de *Alákétu*, e a gente não achava nada ruim, por amor ao nosso santo estava tudo bem.

Baratinha teve muitos amigos que enfrentaram tudo com ela, hoje em dia é mais difícil, muita coisa mudou e no candomblé também. Então, minha mensagem pra vocês e pra casa de candomblé é que vocês confiem no asè da casa, tenham amor, elevem o nome de Baratinha, pois o espírito dela e os *òrisàs* dela ainda tão vivos!

Senhor Donga

Eu conheci Baratinha com a idade de dezoito anos. Eu empinava pipa e vinha para o Alto do Rosarinho ficar empinando pipa e, com isso, ficava olhando pra ela, piscando o olho. Ela tentava me dizer que aquilo não daria certo, porque eu era menino moderno e ela precisava de um homem pra ajudar ela a criar os filhos. Eu insistia muito com ela, gostava dela. Às vezes, ficava pela casa só de prosa, enquanto ela capitava fumo.

Passava mais tempo com ela do que em casa, com minha mãe. Ela tinha uma filha chamada Vânia, que eu considerava como minha. Era miudinha, ela ficava correndo e eu cuidava dela enquanto Baratinha caprava o fumo. Às vezes, levava até de manhã a gente ali. Eu ia em casa e voltava pra casa dela.

Meu pai não me queria ali porque achava que eu não devia me enrolar com mulher com filho, mas eu disse que tinha escolhido ela, que era com ela que eu queria ficar. E assim, eu acabava de empinar pipa e ia em casa trocar de roupa, pra voltar de novo para o Rosarinho, ficar perto dela. Mudava duas ou três vezes de roupa, aquelas roupas de linho que meu pai comprava pra ele e pra mim. Baratinha tinha seis filhos, e a menina Vânia que era meu xodozinho. Ela ia pra casa de minha comadre Odete fazer sessão de mesa branca. Na época, eu não gostava muito, porque ela se dedicava com isso muito, mas depois, com muito conselho de minha comadre e das pessoas mais velhas, eu acabei aceitando.

Certa vez meu pai me botou pra fora de casa, e minha mãe me perguntou se eu tinha pra onde ir e eu disse que tinha, isso foi em uma semana de São João. Eu gostava de usar um revólver 38, uma peixeira e uma capanga, e nesse dia fui pra rua soltar fogos, aí bebi uns dois litros de licor e depois subi pra casa de Baratinha. Era uma casinha que tinha duas salinhas de taipa, eu cheguei e fiz de conta que estava embriagado, e ela me chamou pra almoçar, e fez um molho de carneiro, então nós almoçamos e ficamos ali. Aí eu contei o que papai tinha feito e disse a ela que não ia sair mais dali, aí ela foi para uma das salinhas com os meninos e eu fiquei ali na sala e adormeci.

Quando meu pai descobriu onde eu estava, e que era o que realmente eu queria, ele passou até a dar uma ajuda. Ele pediu pra eu testar ela pra ver se era mulher de caráter, mandou eu frouxar em relação a dinheiro, para ver se era mulher interesseira, mas ela trabalhava no armazém. A gente resolveu botar umas caixas de tomates pra vender e durou mais ou menos um ano isso. Depois ela começou a vender fato, carne de porco na feira, e era eu quem matava o porco e ela limpava, acendia o fogo e trabalhava rente, rente comigo. Era muito trabalhadeira e com isso as coisas foram melhorando.

Um dia eu estava deitado e o caboclo pegou ela pra deixar o recado que queria: uma sessão de viola e pandeiro, e assim fez ela, deu a sessão como ele queria, e foi o finado Zé Pequeno quem ajudou a tocar. O caboclo dela ficou conhecido e aos poucos ela foi começando a trabalhar como Mãe de Santo, então chegava um cliente ali, outro lá. Às vezes era um jogo, às vezes era um trabalho. E lutando assim a gente seguiu e criamos os meninos dela. Do nosso convívio foram cinco filhos, mas só sobreviveram três.

Quando eu conheci Baratinha, o Rosarinho era mato e lagoa, e muitas poucas casinhas. Tinha uma porteira no pé da ladeira. Eu já tinha sido suspenso na casa de Pai Nezinho com uns 15 ou foi 17 anos, através de minha mãe, que pediu agô pra *Ôgún*, porque eu ainda era muito novo, como ela dizia. Mas aí, já vivendo com Baratinha, ela me perguntou se eu queria me confirmar, e então eu fui. Senhor Nezinho já tinha falecido, mas aí Cacho já sabia o que fazer, porque disse que o homem tinha deixado tudo escrito em um ca-

derno, o que era pra fazer comigo. Eu trabalhava com sete açougues, então na semana de me confirmar eu negocieei a semana toda pra poder ter o que era necessário, que era dinheiro, então eu subi e por lá fiquei 21 dias, e saí de lá um *Ògá de Sàngó*. Mãe Cacho conversou muito comigo antes de começar os processos. Perguntou se eu queria aquilo, se eu acreditava. Eu disse que acreditava no *asè* e queria sim.

Eu vou contar pra vocês, que já vi muita coisa no candomblé, coisas que não existem mais. Já vi gente morrer em 24 horas, 48 horas e em 120 dias, mas eu já vi, vi sim. Com Baratinha era diferente, ela não queria fazer maldade, ela sempre trabalhou muito, mas não fez mal a ninguém. Teve uma procissão, uma vez, para Nossa Senhora do Monte, então nós fomos juntinhos, dados os braços um com o outro. Os turistas e o povo todo tirando foto, eu dando um beijo nela. Foi uma boa mulher, uma boa mãe, uma boa pessoa. Até hoje, às vezes, choro e sinto saudade dela. Minha Baratinha, saudades nega!

Mãe Cacho

Me chamo Genildes Cerqueira de Amorim, Mãe Cacho, *Iyàlàsè* substituta do meu Pai Nezinho de *Ògún* no *Ilê Ìbésè Alákétu Ašè Bàbà Ògún Mèjéjé*.

Baratinha foi uma pessoa muito especial para nosso Ilê. Quando meu pai faleceu, ela continuou na roça como a boa filha de santo que sempre foi. Sempre me ajudando e me respeitando. Ela chegava nas Águas de *Òsàlá* e só ia embora

depois dos caboclos, como sempre fez. Ela procurou sempre honrar a roça, sempre procurou trazer os barcos de filhos de santo que iniciava, porque dizia que os filhos de santo dela tinham que pisar no chão sagrado da roça de *Ògún*, para concluir o *asè* que estavam recebendo. Quando eu nasci, Baratinha já estava aqui na roça. Ela foi do barco do meu irmão mais velho, pois Papai fazia o santo das *Ìyàwós*, e aí ficava pra Mãe Menininha iniciar os filhos biológicos dele, sempre quando chegava perto da festa de *Ògún*. Antes mesmo de meu pai ir construindo as casas para abrigar seus filhos de santo, Mãe Baratinha sempre vinha, e mesmo com as dificuldades, ela acampava embaixo da jaqueira de *Ògún* para cumprir suas obrigações, e não via tempo ruim para estar presente e participar de tudo.

Ela foi uma filha de santo fiel deste *Ilé Asè*, e soube me respeitar como *Iyàlàsè* com muito *rumbè*, e por isso o *asè* dela é precioso pra mim! Ela era a alegria da casa, a gente sorria muito com ela. Poucas pessoas foram tão dedicadas ao candomblé como ela. Meu Pai tinha muito respeito pelo caboclo dela, Seu Rei das Ervas, então assim ela começou, e meu Pai dizia pra ela comprar um terreno pra fazer o candomblé dela, então ela começou com as sessões e depois iniciou o primeiro barco, do qual uma das filhas, Hilda, é minha filha pequena. Minha filha Hilda tem muito amor por mim, e eu agradeço por ela.

Em seu Axexê não poderia ser diferente, eu estava lá presente. Cheguei para esperar o corpo dela e fazer tudo que era necessário, pois, como ela dizia, “A hierarquia é tudo e pra

tudo quero primeiro que *Iyàlàsè* esteja presente”, e isso ela aprendeu pela tradição de meu Pai, que se mantinha assim com Mãe Menininha. Então, por isso eu estava lá. E estava lá também quando foi para reabrir a casa dela e conduzir Juciarra para a sucessão. E assim é que deve ser.

Eu, quando me elevei ao cargo, tinha 27 anos e não queria aquilo, não gostava. Mas atualmente, com muita luta e o respeito de todas as *Ègbón mis* e filhos desta casa, o asè está de pé e estamos firmes. Seis anos antes de Papai falecer, ele estava dando um bori, em uma sala, e me chamou para entregar um *òbe*, a faca da matança que estava sendo feita, e disse: “Pode pegar e fazer, pois você será minha substituta, seu posto é de *Iyà*, de mãe”. Eu nunca tive ganância por isso, mas com Baratinha também aprendi que é o *òrìsà* que escolhe, então com o vento nunca se brinca. Ora iê iê ô!

Mametu Kissasse

Eu sou Mãe Kissasse, neta de Bate Folha, sou angoleira, de Angola, mas respeito toda Nação, porque assim deve ser. O candomblé precisa de união, um por todos e todos por um, porque senão o trem vai avançando e a gente vai ficando pra trás. Sou uma mulher batalhadora, como Baratinha. Vivo da minha aposentadoria, e do que Deus e os Inquices me dão. Tenho bons amigos, e o respeito, porque no meu *Ayê* eu recebi muita lição e cumpro, e também passo para meus filhos. Tenho 58 anos de santo e 81 anos de idade. Sou uma mulher sofrida, e tenho o candomblé.

O candomblé é uma religião séria, minha gente! É feita com muito amor, respeito e união. Hoje em dia, as maiorias das pessoas jogam o candomblé na lama, são pessoas despreparadas, sem conhecimento. O candomblé é a primeira religião do mundo, então somos nós, seus representantes, que temos o valor e o respeito dele. Não é roupa bonita, não é casa grande, pode ser casa pequena, mas se tem *asè*, então pronto. Tem que haver o respeito pelos mais velhos, pois com eles nós aprendemos.

Quando eu fiz santo, eu era empregada doméstica. Cozinhava para 14 pessoas. Já vendi milho, batata cozida, tudo isso pra viver. Mãe Baratinha era uma mãe, uma irmã pra mim. Eu vim de pequena da família de Manoel Cerqueira de Amorim, Senhor Nezinho, meu pai, que considero e respeito, vim de criança dessa família, uma família que todos me querem bem. Eu fui criada por uma prima dele lá no Capivari.

Quando inaugurei meu barracão, nos meus 25 anos de *asè*, bodas de prata, Mãe Baratinha veio para minha festa. Foi uma festa muito bonita e ela foi muito bem recebida. Recentemente, a filha e sucessora dela, Preta, também veio a uma festa e foi recebida debaixo do *àlà*. Muita gente que diz que só daqui a 100 anos pra existir uma festa como aquela! Para mim é uma honra ter essas pessoas ao lado da gente. A gente vai aprendendo com o tempo, mas o povo de hoje não quer mais isso, o povo de hoje ainda bem não cresceu, já quer ser grande. O pessoal diz que eu sou cafona, mas não sou. Eu, como Mãe Baratinha, passamos aquilo conforme aprendemos, e eu só peço que sejamos bons para nossa religião. Conheci Mãe Baratinha no Portão, uma boa mãe, uma boa

irmã, uma boa amiga. A minha relação com ela é como irmã. Quando fiz três anos de santo fui lá no Portão, e quem me levou foi uma irmã de santo de Senhor Nezinho, que era minha vizinha. Quando lá cheguei, vesti minha roupa de ração e mandou me chamar na cozinha, só que nessa cozinha não entrava Ìyàwó. Ele me apresentou as *Ègbón mis* que lá estavam, Mãe Rosinha, Mãe Bida e Mãe Helena, e disse a todos: “Da raiz onde ela existe, *asè*”. Graças a Deus todas as filhas de meu Pai Nezinho me tratam bem, as de santo, como as de sangue. Meu Pai Nezinho sempre dizia: “Essa neguinha é de *Ògún*”, e lá eu dei minha obrigação.

Ègbón mi Bem

Eu me chamo Janaína Cerqueira de Amorim, conhecida para muitos como Mãe Bem de *Òsàlá*, qualidade *Òsógìyan*, filha de Manoel Cerqueira de Amorim do *Ilè Ìbèsè Alákétu Aṣè Bàbà Ògún Mèjéjé*. Baratinha, como diz minha irmã, “Já crescemos, conhecendo...”. Uma das filhas de santo que se dedicou muito ao *asè*, bastante obediente, amava o *candomblé* de coração, pessoa maravilhosa, sorridente, amiga. Com ela não tinha aborrecimento, só na hora que pegava suas filhas de santo pra colocar no eixo para aprender, pois tinham muitos deveres dentro do *candomblé* dado por Mãe Baratinha.

Logo quando Mãe Baratinha iniciou os trabalhos, dando sessão de mesa branca, cansei de descer aos sábados e voltar na segunda, pela manhã bem cedo, para estudar. Eu era muito nova, mas deixava eu ir de Muritiba para Cachoeira, mas ele

deixava. Depois veio o candomblé, eu não perdia uma obrigação, festa, tudo eu estava lá. Aquela casa é amada por todos, é o verdadeiro cantinho de Òsùn. Quero que a casa continue com valor que Mãe Baratinha deixou. Baratinha, enquanto viva, tudo que fazia ela lembrava de nós, e trazia para aqui, para roça, era andu, sardinha frita, dentre outros quitutes.

No dia do Mandu na casa dela, o primeiro prato era o meu. Tinha muito apreço por ela, sempre fui bem tratada por Baratinha. Uma pessoa que me deixa saudade. Foi uma filha de santo que participou da nossa educação, pois Papai saía, deixava ela e os mais velhos tomando conta de nós em casa. Não pude estar presente quando ela se foi, estava no Rio de Janeiro.

Quando viva, brincávamos muito, jogava baralho, dominó (risos) nos escondíamos para Cacho não vê (risos). Colocava Ana (de Òsùn) para fazer a comida para mim. Dizia: “Pimenta boa é aquela seca pelo sol”. Tive muitos privilégios com ela. Quando minha irmã cantava, chegava a sentir Òsùn navegar... (*Ègbón mi* Bem canta relembrando...). A Òsùn vinha abraçar Cacho.

Ègbón mi Lourdes

Conheci Baratinha aqui na roça... toda muito pequena, era mocinha. Ela também tinha os filhinhos, um atrás do outro. Gostava dela e era muito minha amiga. A gente também brigava, não deixava de brigar (risos), mas gostava dela demais. Eu puxava a Òsùn dela, a *Ekéji* mais velha da casa, né? E ela puxava Òsàlá. Ela não deixava de puxar Òsàlá e eu Òsùn. Muito alegre, brincava muito com ela, dava muita risada. As

crianças, tudo escadinha, pequenininha, um atrás do outro... A gente era muito amiga. Quando eu chegava lá Òsùn não queria ninguém, só queria eu. Quando eu chegava Baratinha me entregava Òsùn. A gente brincava muito, brigava muito, não queria saber de nada. Naquele tempo não tinha maldade. Depois casou com Didi e teve os filhos todos. Era muito valente, danada e não levava desaforo para casa (risos). Era uma boa pessoa, minha irmã de santo... como também amo os filhos dela. Preta foi criada junto com a gente, Cacho batia em Preta e tudo, éramos como uma grande família.

Uma música, uma cantiga, uma história. Entre tantas cantigas cantadas para nossa mãe Òsùn, tem uma que quero ressaltar, que para nós ficou como hino, e não tem como ouvi-la ou cantar que de imediato lembramos logo de Mãe Baratinha, incorporada com nossa mãe Òsùn, que dançava com seu semblante de alegria e prazer ao ouvi-la. Esta musica fala de uma história entre Òsùn e Òsòdì, que nosso avô, o saudoso Senhor Nezinho de Ògún, contava para suas filhas de santo, e Mãe Baratinha se encantou pela história e pela música, e ela fazia questão que cantassem a música para Òsùn dançar no dia da sua festa, que é esta:

*Xirê xirê a ô milá xirê,
Xirê xirê a ô me kãm xirê,
Baiê ru co, coborô ió xirê,
Baiê ru co, coborô xim xirê,
Abiamã do lo ió xirê,
Oro dum dum má lê kãm xirê,
Oro dum dum má lê kãm xirê
Ara ie iê ô òsùn, okê odé*

A Autora

Cátia Virgínia Souza Melo, 56 anos, natural de Muritiba no Recôncavo da Bahia, candomblecista, com cargo de *Iamorô* no *Ilê Kaiô Alaketu Asê Òsùn*, em Cahoeira- Bahia, é escritora, educadora, artesã, coreógrafa, costureira, decoradora e articuladora cultural.

Autora da Biografia “Menina das Águas - vida, memória e ensinamentos de Mãe Baratinha”, registrou, ao longo de dezesseis anos, os ensinamentos de Mãe Baratinha a partir da oralidade de sua mãe de santo, considerando a importância dos seus saberes e de sua existência. Elabora e desenvolve o projeto de Memorial de Mãe Baratinha de Òsùn no Alto do Rosarinho, em Cachoeira-Bahia.



Mãe Cátia Virgínia, autora do livro.

Foto: Jamile Novaes

Hino

Mãe Baratinha, te amaremos eternamente
Ès poesia que extasia nossa alma
Tua memória é poesia permanente
Tua história é a nossa verde palma

Teu esplendor em nosso peito é canção
O teu amor em nossa alma é oração
O teu penhor em nossa vida é razão
E com amor te dedicamos essa canção

[Refrão]
Brilhante estrela, o teu nome é Galdina
Filha amada de Ieiê okê
Reconhece- lá é grandeza e autoestima
O teu amor nós queremos agradecer

No Rosarinho teu palácio é reluzente
Nossos caminhos em teu amor é florescente
Da tua luta não esqueceu tua gente
Tu és o ninho de carinho permanente

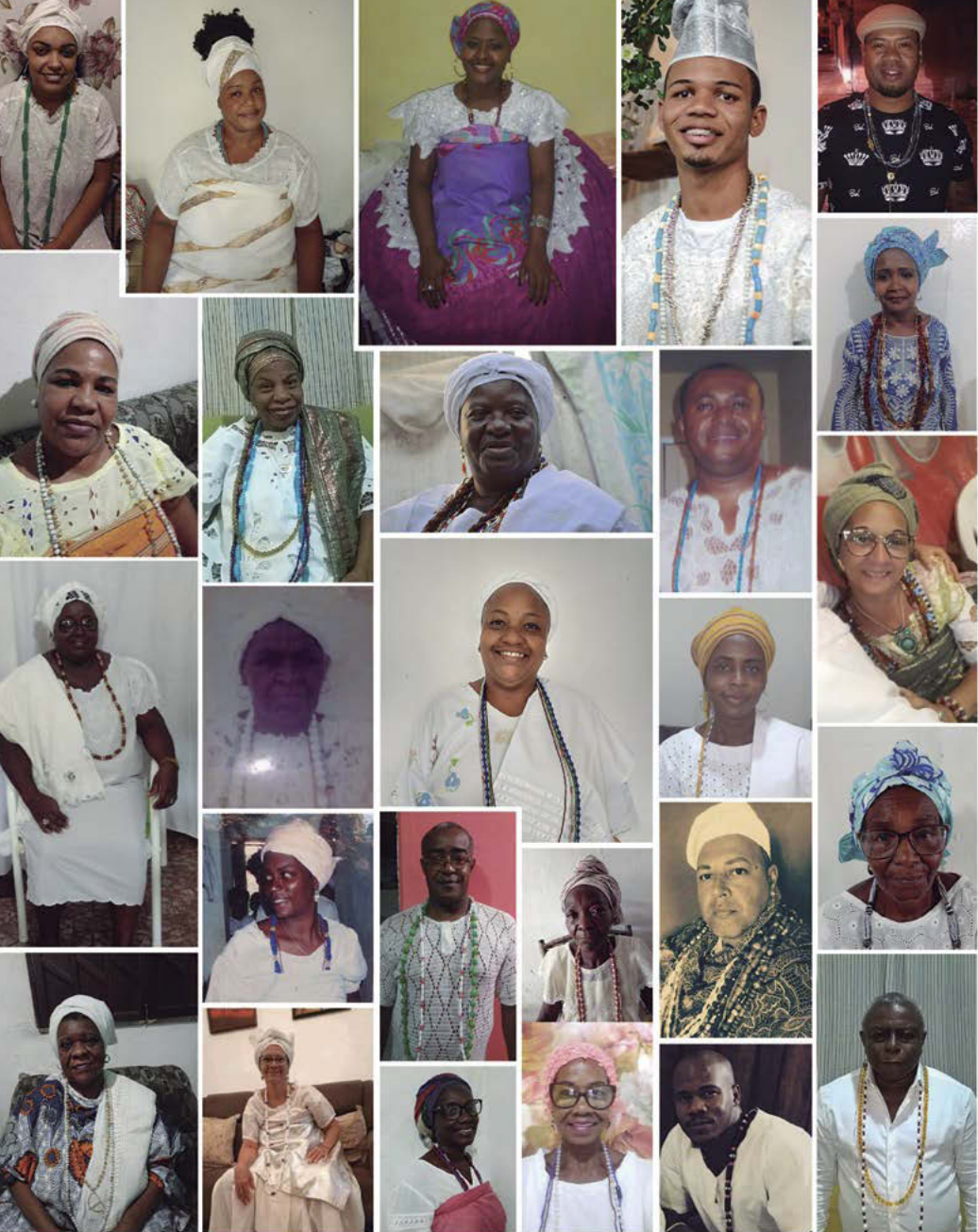
[Refrão]
Canção poética sobre o Rio Paraguaçu
Ès poesia em nosso peito a se timbrar
Brasão de estética por sobre o mar azul
Mãe Baratinha vamos sempre te amar
Ès um buquê ofertado por Oxum
Um ramalhete que queremos preservar
Ieiê okê, abençoada de Olorum
Tua memória é primavera sem par

[Refrão]

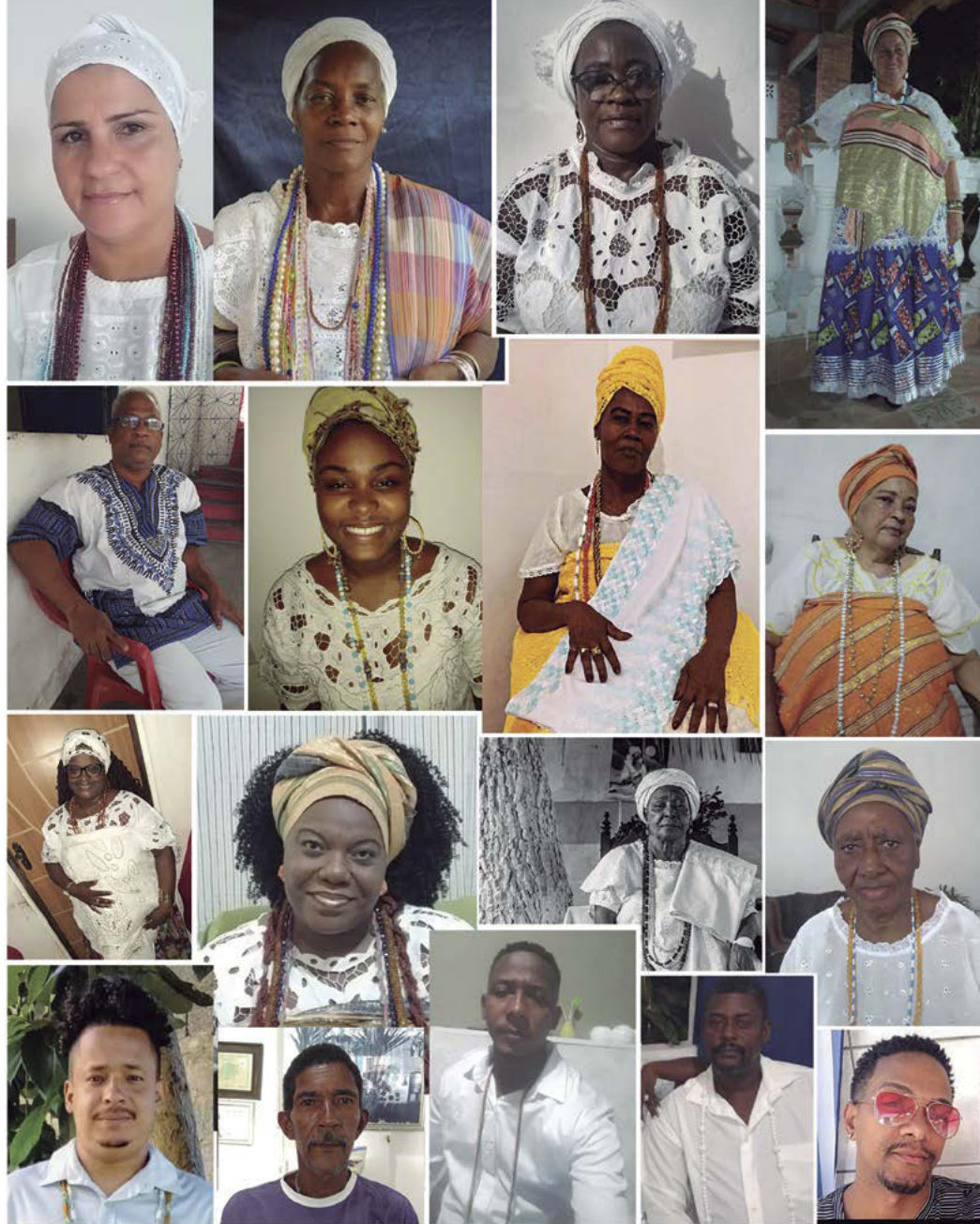
Autor: Roberto Carlos Neri do Carmo
Castro Alves, Ba | 08 de agosto de 2016.



Arte produzida por @jovibasquiat



Guerreiras/os do Ilé Kaiô | Aline Santos Araújo Oliveira, Ana Cláudia Silvav, Ana Cistina Santos Oliveira, Ana Lúcia de Castro dos Santos, Ana Lúcia Ferreira Pio, Ana Maria Conceição, Ana Paula Conceição de Castro, André Luis Conceição, Arlesson Silva Nascimento, Cláudio José Cruz, Cátia Virgínia de Melo Souza, Avanildes Costa da Silveira, Ekedí Deca, Cleonice dos Santos Silva, Dalila Pinto da Silva, Cléria, Fernando Henrique Thomaz Filho, Gildete Nascimento de Jesus, Faustina Maria dos Santos, Evandro França Ferreira Pio, Graciele Fernandes Moreira, Gilmar Barreto dos Santos, Ítalo Rafael Araújo Lima >>



Hilda Araújo, Jô, Joiceane Soares, Lígia Santos de Jesus, Valder Alves Moreira, Valter dos Santos Cardoso, Waldison Alves Moreira, Ubiraci Dias Soares, Tiago Silva Alves, Lígia Santos de Jesus, Lucieva França Ferreira Pio, Maria de Lourdes Conceição Santana, Maria Lúcia Barreto dos Santos, Miriam França Ferreira Pio, Tereza Cristina Chaves Martins da Silva, Maria Pérpeta Silva dos Santos, Sandro dos Santos Correia, Oneide Raimunda da Silva Santos, Roquelina Miranda, Rita.



Colofão

Formato	14x21 cm
Tipologia	Alegreya Family
Papel	75 mg/m ²

APOIO FINANCEIRO



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





Que Orixá me dê força para
trabalhar no candomblé, para
colocar a mão na cabeça dos
outros e não deixar ninguém pior
do que já é.

Esta é a minha missão!

Mãe Baratinha